

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Caroline Silva Pinheiro

**REPRESENTAÇÕES DE EDUCADORES SOCIAIS SOBRE AS FUNÇÕES DA
EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR**

Porto Alegre
2019

Caroline Silva Pinheiro

**REPRESENTAÇÕES DE EDUCADORES SOCIAIS SOBRE AS FUNÇÕES DA
EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação Física
da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, como requisito parcial para obtenção
do grau de Licenciada em Educação
Física.

Orientador: Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki

Porto Alegre

2019

Caroline Silva Pinheiro

**REPRESENTAÇÕES DE EDUCADORES SOCIAIS SOBRE AS FUNÇÕES DA
EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR**

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lisandra Oliveira e Silva – UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais, que me acompanham e acreditam nas minhas escolhas. Incentivam e apoiam, sempre atenciosos e preocupados em dar suporte para o que precisar. Agradeço também aos familiares e amigos que torceram por mim e que juntos comemoram mais uma etapa concluída.

Obrigada ao meu orientador, professor Elisandro Wittizorecki, que aceitou me auxiliar nesse trabalho e finalizar esse processo. Me ensinou, sendo paciente e estando sempre disponível, o apoio foi muito importante para a realização do meu trabalho de conclusão de curso.

Aos meus colegas do curso de Biologia, no qual ingressei na UFRGS e tive as primeiras experiências e os aprendizados de nível superior. Principalmente àqueles que se tornaram grandes amigos até hoje: Priscila Lopes, Bruna Szywnelski, Laura Rodrigues, Jeferson Delgado e Marcell Franceschi. Aos colegas do curso de Educação Física, que seguiram esta jornada comigo. Àqueles que desde o início me acompanharam: Aline Jardim e Ana Alessandra. Em especial, ao meu amigo Victor Szortyka, pelo apoio e companhia ao longo da graduação.

Muito obrigada!

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender as representações que educadores constroem acerca da educação não escolar na formação dos educandos e compreender como se organizam os projetos pedagógicos e as atividades inseridas nesses espaços. A literatura sugere que as mudanças sociais no qual vêm ocorrendo nas últimas décadas produzem grandes alterações no cotidiano dos sujeitos e acabam refletindo na ação pedagógica e organização das escolas. A situação traz novas configurações que criam e recriam diferentes possibilidades de ensinar e aprender. Assim, a emergência da educação não escolar como perspectiva de desenvolvimento de práticas formativas vem ao encontro desses cenários, atendendo as demandas que se produzem para além do tempo escolar. Os projetos e ações de educação não escolar possibilitam que crianças e jovens permaneçam mais tempo em locais socioeducativos. No contexto atual é uma alternativa para complementar a educação, visando à formação integral composta por diferentes dimensões do indivíduo. Para enfrentar o objetivo da pesquisa, metodologicamente, empreendi um estudo descritivo em que realizei observações, diários de campo e questionários abertos em duas instituições de Porto Alegre. A coleta de informações ocorreu durante os meses de setembro, outubro e novembro do corrente ano. Foi possível compreender as particularidades dos locais de educação não escolar. Como meio de complementar a formação, há uma diversidade de modalidades em formato de oficinas que, em grande quantidade, são práticas corporais relacionadas à Educação Física. Apesar da singularidade das instituições de educação não escolar, encontra-se uma certa aproximação com a organização (disposição das salas de aula) e ações das escolas (foco no letramento e numeramento). Os educadores compreendem que os espaços de educação não escolar proporcionam aos alunos oportunidade de aprendizados por meio de modalidades diversificadas, muitas não inseridas no currículo escolar, o acolhimento das crianças e suas famílias e a socialização, integrando os membros da comunidade.

Palavras chaves: Educação, Educação não-escolar, Educação integral.

ABSTRACT

This study aims to understand the representations that educators build about non-school education in the formation of students and to understand how pedagogical projects and activities inserted in these spaces are organized. The literature suggests that the social changes that have occurred in the last decades produce great changes in the daily lives of the subjects and end up reflecting on the pedagogical action and organization of schools. The situation brings new configurations that create and recreate different possibilities of teaching and learning. Thus, the emergence of non-school education as a perspective for the development of formative practices meets these scenarios, meeting the demands that occur beyond school time. The projects and actions of non-school education make it possible for children and young people to stay longer in social-educational places. In the current context, it is an alternative to complement education, aiming at integral formation composed of different dimensions of the individual. In order to face the research objective, methodologically, I undertook a descriptive study in which I carried out observations, field diaries and open questionnaires in two institutions in Porto Alegre. The collection of information took place during the months of September, October and November of this year. It was possible to understand the particularities of the non-school education sites. As a means of complementing the formation, there is a diversity of modalities in the format of workshops which, in great quantity, are body practices related to Physical Education. Despite the uniqueness of non-school education institutions, there is a certain approach to organization (classroom layout) and school actions (focus on literacy and numeracy). Educators understand that non-school education spaces provide students with learning opportunities through diverse modalities, many not included in the school curriculum, the welcoming of children and their families and socialization, integrating community members.

Keywords: Education, Non-school education, Integral education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	10
1.2 OBJETIVOS	10
1.2.1 <i>Objetivo geral</i>	10
1.2.2 <i>Objetivos específicos</i>	10
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 FUNÇÕES DA EDUCAÇÃO	12
2.2 EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR	14
2.3 EDUCADORES SOCIAIS	16
3 METODOLOGIA	19
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	19
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO	19
3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES	22
3.4 PLANO DE COLETA DE INFORMAÇÕES	25
3.5 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES	28
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES	29
4.1 DESCRIÇÃO DAS AULAS E ATIVIDADES	29
4.2 DESCRIÇÃO DOS PRINCÍPIOS E ORGANIZAÇÃO DOS PROJETOS PEDAGÓGICOS	39
4.3 COMPREENSÕES E REPRESENTAÇÕES DOS EDUCADORES ACERCA DA EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE	58
APÊNDICE A – DIÁRIOS DE CAMPO	58
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIOS REALIZADOS	69
APÊNDICE C – CARTA DE APRESENTAÇÃO	80

1 INTRODUÇÃO

A escola foi construída e é representada na nossa cultura como uma instituição responsável pela educação dos cidadãos, onde desde a infância até a idade adulta frequentamos para aprender algo. Sua organização é sistematizada e guarda padrões bastante parecidos para diferentes populações. As escolas, predominantemente, tendem a seguir modelos de ensino instituídos para a sociedade de décadas atrás. Segundo Camargo (2017):

Alunos, professores e demais envolvidos percebem que os objetivos e metodologias da educação formal não respondem às necessidades contemporâneas, visto que a aula é predominantemente expositiva, baseada na transmissão dos conteúdos e na separação das disciplinas, que concebe o aluno enquanto um ser compartimentado, com foco exclusivo no desenvolvimento cognitivo, deixando as demais dimensões constituintes do ser humano negligenciadas à marginalidade no processo escolar (p. 8)

Esse modelo de educação citado e que sofre críticas foi instituído a partir do período da Revolução Industrial, centrado na formação do indivíduo para os ofícios da época, principalmente o trabalho nas fábricas. É possível pensar que para os tempos de hoje, tal modelo se torna defasado. As mudanças sociais que vêm ocorrendo nas últimas décadas produzem grandes alterações no cotidiano dos sujeitos e acabam refletindo na ação pedagógica e na organização das escolas (DIEHL; MOLINA NETO, 2010). Nesses novos cenários, a forma de interlocução entre a escola e os sujeitos pode influenciar os processos de aprendizagem. Portanto, a escolha dos conteúdos, materiais didáticos oferecidos, estruturas físicas, capacitação dos profissionais são relevantes para um ensino de qualidade (ROCHA; ROZEK, 2017).

Em locais de formação como a escola, os conteúdos de ensino estão focados basicamente na dimensão cognitiva, porém não são suficientes para preparar o indivíduo para as problemáticas da sociedade (CAMARGO, 2017). Assim como em minhas experiências docentes na área escolar, percebi a escassez de assistência aos alunos para demandas que vão além das questões acadêmicas, pensando em suas necessidades pessoais. Primeiro, a falta de sentido prático e assuntos de interesse dos alunos, faz com que o estudante se torne desmotivado pela aprendizagem dos conteúdos estudados em sala de aula. Segundo, a falta de abordagem e suporte às dimensões emocionais, como autoestima, motivação, autoconhecimento; às relações

sociais e resolução de conflitos; construção de valores, com respeito ao próximo; saúde, cuidar do corpo e mente; e ambientais, conscientização e práticas sustentáveis. Terceiro, os professores são desvalorizados e há um descaso com o ambiente escolar, principalmente público, o que influencia negativamente o ensino. São inúmeros temas que precisariam ser considerados para solucionar problemas individuais e coletivos, não apenas os acadêmicos. Para uma formação ampliada, seria importante levar em consideração sentimentos, emoções, necessidades, e ambições e, a partir do reconhecimento da individualidade de cada estudante, motivá-lo em suas conquistas. Porém, muitas vezes acontece o contrário, há o controle e a intimidação diante de novos desafios (RIBEIRO; PALHARES, 2017).

Considerando os fatores já mencionados, o ensino deve ocorrer de forma ampla e que seja significativa para os sujeitos. São nos processos de aprendizagem que o humano se insere na sociedade, a partir da troca de experiências com o outro e da interação com o meio, possibilitando-o reconhecer seu papel social. Logo, sua trajetória nos sistemas educativos e fora deles é importante no processo de ensino-aprendizagem (ROCHA, 2016). Pensando nisso, mais tempo e espaços de convivência entre os alunos podem ser alternativas para a educação, já que esses momentos têm potencial socializador, nos quais os indivíduos criam afinidade com os colegas e propõem atividades de forma autônoma, sem tarefas dirigidas por um educador, como acontece no recreio da escola. Outro meio é explorar locais com possibilidades de ensino, uma alternativa que vai ao encontro de Medeiros (2008), quando sustenta “Acreditamos que a educação acontece em vários espaços, não só nos espaços formais, como a sala de aula, a escola, a universidade, mas também, no palco, no espaço da arte, da cultura...” (p. 19).

Severo (2015) destaca e reconhece a necessidade de novos cenários e práticas educativas para o desenvolvimento social e para as demandas que marcam o contexto contemporâneo. Traz, assim, configurações pedagógicas com diferentes possibilidades de ensinar e aprender, muitas realizadas fora do espaço escolar, adquirindo relevância na aprendizagem e na formação do indivíduo.

Na perspectiva de uma educação complexa e de múltiplas manifestações, este estudo se detém na Educação Não Escolar (ENE). Este campo compreende os programas de educação complementares oferecidos no contra turno e na maioria das vezes fora da escola regular. ONGs, centros sociais e instituições privadas proporcionam atividades extraclases diversificadas e dinâmicas com efeitos na

formação humana. Busca atuar, principalmente, nos fatores sociais presentes no grupo que frequenta os projetos. Em geral, estas instituições não focam nos conteúdos escolares, e sim, na aquisição de conhecimento para várias áreas da vida, por meio de trabalhos com esporte, lazer, saúde, meio ambiente (SEVERO, 2015). Estes espaços podem vir ao encontro com a jornada de trabalho dos adultos, que, muitas vezes, precisam deixar seus filhos até o retorno para casa. São uma possibilidade de as crianças passarem o tempo e terem acesso a novos aprendizados e experiências.

Desse modo, o interesse em pesquisar sobre a Educação Não Escolar surgiu de questionamentos sobre a necessidade de oferecer um projeto de educação além da escola, pensando no seu valor para a vida das crianças e como esses espaços de ensino organizam e planejam seus projetos e atividades.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Frente ao apresentado, o problema de pesquisa se constitui nas seguintes questões: Quais as representações que educadores constroem acerca da educação não escolar na formação dos educandos? Como se organizam os projetos pedagógicos e as atividades inseridas nesses espaços de educação não escolar?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Compreender as representações que educadores constroem acerca da educação não escolar na formação dos educandos, e como se organizam os projetos pedagógicos e as atividades inseridas nesse espaço.

1.2.2 Objetivos específicos

- Descrever as aulas e as atividades ofertadas em programas de educação não escolar;
- Descrever os princípios e a organização dos projetos pedagógicos das ações de educação não escolar;

- Descrever as compreensões e as representações que os educadores constroem acerca da educação não escolar.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 FUNÇÕES DA EDUCAÇÃO

A educação é um dos meios de desenvolvimento da sociedade, possui objetivos e finalidades que se moldam, ou deveriam, com a necessidade da população, acompanhada de metodologias apropriadas para os fins. No decorrer do tempo, as compreensões sobre a educação modificaram-se, tendo efeitos na vida dos indivíduos, com hábitos, costumes e valores referentes à cultura e aos interesses da época. Por exemplo, no século XIX a educação nas instituições tinha papel civilizatório, com objetivos de controle e ordem social, para que o povo correspondesse às regras do Estado. Além disso, o sistema educativo selecionava aquelas pessoas que teriam acesso aos espaços formais de educação, nos quais as classes economicamente mais pobres aprendiam a ler, escrever e contar, e estavam aptas para o mercado de trabalho, enquanto a elite permanecia estudando (KEHLER, 2014). Outro momento histórico que marcou o modelo educacional foi o período da Revolução Industrial, pois, com o aumento da urbanização, e com a população voltada para o trabalho, modificaram-se a organização e a compreensão dos sistemas de ensino. Formou-se o modelo de educação encontrados atualmente na maioria dos locais de ensino formal como a escola, tendo como metodologia a aula expositiva em que o professor é a autoridade, voltada para a disciplina e memorização de conteúdos, com o tempo fragmentado, assim como o tempo da fábrica (CAMARGO, 2017).

Considerando a escola uma instituição referência na educação dos cidadãos, os métodos pedagógicos devem passar por transformações para adaptar-se às necessidades atuais da população. Assim, as mudanças socioculturais interferem, direta ou indiretamente, na organização escolar (DIEHL; MOLINA NETO, 2010). Há novas demandas ambientais, sociais e existenciais, e, com isso, é preciso manter atualizados os conteúdos ensinados, relacionando-os às problemáticas vivenciadas no cotidiano dos alunos, tendo sentido prático para sua formação. As necessidades são tanto individuais quanto coletivas, e afetam o desenvolvimento da sociedade (CAMARGO, 2017).

Freire (2002) argumenta que “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” (p. 9). O autor defende a formação de alunos críticos e autônomos, não apenas receptivos ao conteúdo, mas que tenham interesse

pela busca e produção de conhecimento. Para isso, propõe como método de ensino, a utilização das experiências prévias dos estudantes, assim como as situações presenciadas na região em que vivem. Dessa forma, aproxima-se da realidade da comunidade e há sentido prático aos conteúdos, além de trabalhar aspectos e potenciais importantes para a formação significativa do indivíduo. Com esta metodologia, é indispensável que o educador mantenha uma postura ética com todos, respeitando as diferenças e valorizando os saberes construídos pelos alunos.

Compreendendo a complexidade da formação humana e a importância dos espaços educativos, diversos autores defendem as funções sociais da educação. A escola media os significados, os sentimentos e as condutas sociais. Deve estender-se para o desenvolvimento e formação da cidadania nas perspectivas social, educativa e instrutiva (PÉREZ GOMES, 2001). Deve promover a paz universal, com objetivo de alcançar compreensão, tolerância e amizade entre todas as nações, grupos raciais e religiosos, respeitando as diferenças culturais (MEDEIROS, 2008). A escola toma, muitas vezes, as funções da família e do meio social, forma o cidadão conhecedor da sua situação. Ainda, oferta o acesso à cultura, porém com desigualdades de sucesso, tendo vantagens aqueles com uma herança cultural mais diversificada (CARDOSO; LARA, 2009). A educação formal tem como principal finalidade desencadear a formação de seres autônomos, críticos e colaborativos. É o meio de aperfeiçoamento dos aspectos físico e moral, que vai além do conhecimento dos conteúdos, é um processo permanente que gera transformações no indivíduo (FREIRE, 2002).

As funções da educação são amplamente apresentadas na formação do sujeito, buscando atingir diversas dimensões individual e de grupo. Porém, na maioria das instituições formais o foco é predominantemente intelectual, desqualificando as demais áreas. Com a quantidade de conteúdos já ofertados, muitos temas socioculturais, as áreas artísticas, esportivas, problemas transversais vivenciados pelos alunos em casa deixam de ser abordados. A educação integral vem como possibilidade de reinvenção, com ampliação do tempo de permanência em espaços socioeducativos, diversificação das atividades e inserção de temas que possibilite o desenvolvimento das múltiplas dimensões, associados às demandas da contemporaneidade (MEDEIROS, 2008).

Para proporcionar uma formação de qualidade a todos, leis de acesso à educação foram criadas. No artigo 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

é apontado o direito a uma educação que foque no desenvolvimento pleno do sujeito, com igualdade, respeito e participação nos locais estudantis. O artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) afirma a finalidade da educação sendo o pleno desenvolvimento do educando, preparando-o para o exercício da cidadania e qualificando-o para o trabalho. É baseada em princípios de liberdade e de solidariedade.

Apesar dos documentos e de alguns autores utilizarem o termo formação plena, no sentido de formar o indivíduo na sua integralidade e/ou totalidade, torna-se limitado partilhar de tal pretensão formativa e educativa, uma vez que cada sujeito tem características, percursos e desejos individuais. Nesse sentido, educar tem menos que ver com uma formação plena e total dos sujeitos e mais com movimentos de construção de conhecimentos que façam sentido na história dos sujeitos, e que ao longo da vida se tornem úteis para a capacitação profissional, conversas e trocas de ideias com diferentes grupos de pessoas, a escolha de atividades de lazer, cuidados pessoais, gerenciamento financeiro, entre outras atividades que são permeadas por tensões, resistências, conflitos e motivações.

Pensando em uma sociedade que vive em transformação, a educação precisa estar em consonância com tais mudanças. As questões da atualidade relacionadas aos aspectos emocionais, físicos, ambientais e socioculturais parecem estar defasadas diante do modelo educacional de séculos atrás. É preciso refletir sobre as demandas contemporâneas e reconstruir as instituições de ensino para impactar positivamente a população.

Com a necessidade de reconstrução dos tempos e espaços educativos, e conseqüentemente dos métodos de ensino, novas propostas vêm sendo criadas com o objetivo de solucionar as limitações das instituições de educação formal. Assim, a educação não escolar é um dos meios, e será discutida no tópico a seguir.

2.2 EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR

A educação não escolar é definida como a prática de processos educativos que ocorrem fora da escola regular e obrigatória, muitas vezes envolvendo ações coletivas da sociedade (CARVALHO, 2018). Esses processos, atravessados por fatores sociais, políticos e econômicos, relacionados aos culturais, criam um significado ampliado para a formação humana, com troca de experiências e metodologias de

ensino e aprendizagem diversificadas, ocorrendo em outros nichos institucionais (SEVERO, 2015). Para uma educação integral, entende-se a importância de aproveitar ao máximo as potencialidades pedagógicas de diferentes lugares da comunidade e da cidade, espaços de aprendizagem que proporcionam ao educando possibilidades para seu desenvolvimento (CAMARGO, 2017).

Nesses espaços educativos busca-se a ampliação das dimensões do conhecimento e a interação entre os diferentes saberes; compreendem aspectos culturais, físicos, intelectuais, dentre outros, na formação dos sujeitos (CAVALIERE, 2010). Com abordagem de conteúdos, em sua maioria, no molde de oficinas, as práticas corporais mostram-se significativas e recebem prestígio, ao contrário da escola, que dá maior atenção a outras disciplinas, nos locais de educação não escolar, as práticas corporais apresentam-se em grande quantidade, como meio de transmissão de valores morais e sociais, além de serem um elemento atrativo para a participação dos sujeitos nos projetos (CARVALHO, 2018).

Nos últimos anos, os programas de educação não escolar têm sido reconhecidos como ferramenta importante na educação e formação do indivíduo. Com isso, leis e incentivos são previstos. O ECA, promulgado em 1990, já apresentava a relevância de aprender em outros espaços que não sejam apenas no âmbito da escola, e reforça o direito ao acesso a programas culturais, esportivos e de lazer. O Plano Nacional de Educação de 2014 (PNE), também cita a necessidade de oferecer educação em tempo integral aos alunos, assim como melhoria e articulação com outros espaços pedagógicos e sociais. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2017, apresenta uma perspectiva de educação integral, visando ao desenvolvimento e à formação humana, promovendo aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade.

Nesse sentido, é possível compreender a educação não escolar tendo o objetivo de transformação educacional e social, pois prevê formar pessoas melhores e mais capacitadas para o exercício da cidadania. Porém, esta educação complementar não é acessada por grande parte das crianças e jovens; o que percebemos é um ensino formal obrigatório e menor participação no segundo turno para a complementação da formação do indivíduo.

O Programa Mais Educação foi uma alternativa do governo para ofertar às crianças da rede pública de ensino atividades complementares, oportunizando a

ampliação das áreas de conhecimento como educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica. No âmbito da cidade de Porto Alegre, local onde esse estudo realizou-se, sua Secretaria Municipal de Educação (SMED) propõe uma educação que ultrapasse os limites da escola, recriando os tempos e espaços de formação, com aumento das experiências de aprendizagens, por meio de atividades complementares e enriquecimento curricular. Outra instituição da cidade que realiza ações de educação não escolar é a Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC), responsável pela oferta de serviços, programas e benefícios que promovam a inclusão de cidadãos, famílias e grupos que se encontram em situação de vulnerabilidade e risco social. Trabalha em parceria com instituições colaborando com projetos de educação complementar. Para mais acesso aos espaços da cidade, é preciso apoio e propostas pedagógicas. Estas que proporcionam experiências culturais e educativas com questões relacionadas a diversos contextos e dimensões do sujeito.

Considerando o uso de diversos espaços voltados à educação não escolar, estes têm a função de potencializar a formação, sendo compensatória e continuada, promovendo a ampliação das áreas de conhecimentos e do universo sociocultural, propiciando acréscimo de conteúdos curriculares e experiências diversificadas embasadas em valores para a vida (MOURA; ZUCHETTI, 2006).

Para que os projetos de educação não escolar se materializem, é fundamental a presença de pessoas comprometidas com a causa e seus objetivos sociais. Nesses espaços educacionais, os responsáveis por conduzir as atividades são denominados educadores sociais, que será apresentado na próxima seção.

2.3 EDUCADORES SOCIAIS

Os educadores sociais são protagonistas nos projetos de educação não escolar, denominados, assim, pela prática pedagógica e seu significado nas instituições educativas. Além de serem responsáveis por administrar as atividades nesses espaços, envolvem-se e estão dispostos a mediar situações ocorrentes na rotina dos educandos (TONDIN, 2011). Têm o papel de ensinar, ultrapassando os conteúdos acadêmicos; buscam intervir nas problemáticas dos indivíduos, promover

a integração entre as pessoas, aproximando grupos distintos (MOURA; ZUCHETTI, 2006).

Geralmente, atuam em contextos de risco ou de vulnerabilidade social, com uma população que vive, muitas vezes, privada de condições básicas de saúde, educação, lazer e renda. Sendo também seu trabalho o atendimento e o acolhimento dessas pessoas, facilitando o convívio familiar e comunitário (ROMERO et al., 2016). Por esse amparo, os pais ou responsáveis, cada vez mais depositam sobre os educadores a tarefa de educação dos seus filhos, tendo estes que dar conta de problemáticas referentes à família. Assim, sua função estende para ações de caráter socioeducativo, com intervenções relacionadas a vários âmbitos da sociedade. A educação torna-se comprometida no cuidado com o outro e o bem viver coletivo (MOURA; ZUCHETTI, 2006).

Considerando o ambiente de trabalho, o educador tem sua ação pedagógica interferida quando se depara com situações cotidianas, muitas vezes conflituosas que, com seus conhecimentos e experiências vividas na profissão, precisa, portanto, refletir e encontrar possibilidades de solução, sem fugir do juízo de valores (TONDIN, 2011). Os saberes para esta prática pedagógica são construídos ao longo de sua trajetória pessoal e profissional e apropriados a partir da convivência com a comunidade, com os alunos e com seus colegas (MOURA; ZUCHETTI, 2006).

Para alcançar o ensino amplo e acessar distintas áreas de conhecimento, os educadores sociais possuem uma demanda de modalidades, conteúdos, metodologias e processos educativos, com objetivo de abordar os diferentes saberes (LAGO; ASSIS, 2016). Nos espaços de educação não escolar, encontra-se uma equipe de profissionais capacitados para o trabalho social. Com isso, o suporte multidisciplinar auxilia na formação ampliada, visando diversas dimensões do sujeito (MOURA; ZUCHETTI, 2006).

Pensando no educador social como responsável por lecionar conteúdos e atender demandas individuais e coletivas dos alunos, em um espaço voltado para a educação, surge a indagação sobre a proximidade de sua atuação com o que se convencionou sobre o trabalho de professor, este, do ambiente escolar. Ambos possuem o papel de ensinar, cada um em seu contexto e com práticas pedagógicas apropriadas, porém com o mesmo objetivo: que os alunos aprendam o que é ministrado em aula (FREIRE, 2002). Deste modo, a forma de denominar os agentes da educação tem o significado mais relacionado ao espaço de trabalho do que à sua

função, sendo o educador social pertencente a projetos sociais, e o professor, às escolas.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Como já tratado, as questões que orientam essa pesquisa são referentes à educação não escolar, quais as representações que educadores constroem acerca dessa educação na formação dos educandos, como se organizam os projetos pedagógicos e as atividades inseridas nesses espaços de educação não escolar.

Para aquisição e registro dos dados, optei pelo método descritivo por proporcionar informações amplas sobre o tema. Portanto visa observar, registrar e analisar fenômenos ou fatos de determinada realidade, sem interferir no ambiente estudado. O pesquisador descreve e analisa características referentes ao seu objetivo de estudo em busca de respostas ao problema da pesquisa (TRIVINOS, 1987).

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

O estudo foi realizado em duas instituições de educação não escolar em Porto Alegre, com parceria da SMED e da FASC. Estas oferecem atividades gratuitas extraclasse a crianças e jovens no contraturno escolar. Para a escolha dos locais, pesquisei instituições na cidade que ofertam projetos com as características as quais se encaixam nos objetivos do estudo; e conversei com colegas que trabalham em alguns desses locais. Por indicação de uma educadora do Cesmar (Centro Social Marista de Porto Alegre) e da coordenadora pedagógica do Murialdo Social, selecionei as duas instituições para a realização do estudo.

CESMAR:

A sede está localizada no Bairro Mario Quintana, zona norte de Porto Alegre. Os moradores, devido à urbanização e valorização das regiões que antes habitavam, deslocaram-se para o bairro, formado por várias vilas. O local reflete as desigualdades sociais da cidade. O projeto atende a comunidade da região. São três escolas municipais vinculadas, Timbaúva, Wenceslau Fontoura e Grande Oriente, e apenas alunos destas ingressam no Cesmar. O projeto social é ofertado pela Rede Marista e possui parceria com a FASC e SMED, que encaminham as crianças ao local. São 20 educadores de diferentes áreas, todos com ensino superior completo ou cursando,

além de experiências anteriores em espaços de educação não escolar em outras instituições e/ou com formação em cursos de educador social. Conta com nutricionista, assistente social e fonoaudióloga apoiando o trabalho. Há o acompanhamento dos familiares ou responsáveis dos educandos e da comunidade em geral. São realizadas 3 ou 4 reuniões anuais com os responsáveis, e conversas individuais quando necessário, em busca de informar o desenvolvimento das crianças no projeto. Para a comunidade ocorre o empréstimo dos ginásios e do salão para eventos.

O complexo Cesmar conta com uma escola de ensino médio, polo tecnológico e o centro social, nos quais as crianças e jovens se distribuem conforme a idade e a necessidade de formação. São 820 educandos com idades de 6 até 18 anos, permanecendo no centro social até os 14 anos, os alunos das escolas associadas no projeto, depois utilizando algum dos outros serviços. O projeto é ofertado no turno inverso ao da escola: no turno da manhã (8h30min - 11h40min) e da tarde (13h - 16h50min). Todos ganham o café da manhã e o lanche da tarde, aqueles vinculados à FASC recebem também o almoço. Os educandos são divididos por turmas conforme a idade e acessam diversas atividades durante a semana, duas por dia, distribuídas em um cronograma. Na quarta-feira são oferecidas oficinas que os educandos escolhem participar, assim mesclando as turmas. A duração da oficina é de um semestre, depois podem ingressar em outra modalidade. Todos participam da aprendizagem focada no letramento e numeramento, e participam de dança, teatro, artes, culinária e educação ambiental. São trabalhadas temáticas de ensino, próprios do Centro Social com princípios da Rede Marista. Para experiências além da instituição, eles têm acesso às mostras de arte, à música, a apresentações de dança e a intervenções em lugares públicos.

MURIALDO SOCIAL:

Situado no Bairro São José, zona leste de Porto Alegre. O projeto atende o Morro da Cruz. A instituição também tem parceria com a SMED e com a FASC, e atende 109 crianças de duas escolas, Judith Macedo de Araújo e Morro da Cruz, ambas municipais. Conta com 8 educadores de diferentes áreas para ofertar oficinas diversificadas. São atendidos os alunos de 7-14 anos, em três seguimentos: projeto social, jovem aprendiz e educativo, conforme idade e necessidade de formação. As escolas, junto com a SMED, selecionam os alunos participantes do contraturno no

Murialdo Social, dando preferência para vulnerabilidade e interesse da família na participação. Para permanecer no projeto, é necessária frequência de no mínimo 75% das aulas, não correspondendo, é liberada a vaga para outra criança. Há uma lista de espera com 50 alunos.

O projeto social ocorre nos turnos, manhã (8h20min - 11h40min) e tarde (13h50min - 16h45min), com turmas organizadas por anos escolares, turma A: 1º ao 4º ano, turma B: 4º ao 7º ano e turma C: 6º ao 9º ano, tendo em média 17 alunos em cada. No cronograma de atividades são oferecidas diferentes modalidades na semana, sendo duas ou três por dia, são: letramento, numeramento, esportes, informática, dança, música, iniciação científica. E complementares são cidadania, uma vez por semana, além de teatro e papel machê por meio de inscrições, com um número menor de alunos. As crianças ganham café da manhã, almoço e janta. As atividades são planejadas mensalmente por todos os educadores, de acordo com a demanda; e também há participação de eventos fora da instituição, como campeonatos esportivos, mostra de artes e apresentações de teatro.

CESMAR	MURIALDO SOCIAL
Bairro Mario Quintana	Bairro São José – Morro da Cruz
Escolas atendidas: Timbaúva, Wenceslau Fontoura e Grande Oriente	Escolas atendidas: Judith Macedo de Araújo e Morro da Cruz
Rede Marista – FASC e SMED	FASC e SMED
20 educadores	8 educadores
820 alunos (6 – 14 anos)	109 alunos (7 – 14 anos)
Turno inverso da escola	Turno inverso da escola
Duração atividades: 3h30min	Duração atividades: 3h

Quadro 1. Informações sobre as instituições participantes do estudo.

Os colaboradores selecionados para cooperar com a pesquisa, por meio das observações das atividades e de um questionário aberto, foram educadores¹ dos projetos, listados no quadro abaixo:

NOME	INSTITUIÇÃO	OFICINA	OBSERVAÇÃO ATIVIDADES	QUESTIONÁRIO
Leonardo	Cesmar	Hip-Hop	SIM	NÃO
Amanda	Cesmar	Aprendizagem/ Culinária	NÃO	SIM
José	Cesmar	Esporte e Convivência	SIM	SIM
Tiago	Cesmar	Capoeira	SIM	NÃO
Igor	Cesmar	Multiesportes	SIM	SIM
Marta	Cesmar	Aprendizagem e Recreação	SIM	SIM
Sabrina e Samanta	Cesmar	Movimento Cênico	SIM	NÃO
Rogério	Murialdo	Letramento/ Numeramento	SIM	SIM
Adriano	Murialdo	Música	SIM	SIM
Junior	Murialdo	Informática	SIM	SIM
Marcos	Murialdo	Esportes	NÃO	SIM

Quadro 2. Relação dos educadores, observações, diário de campo e questionário.

3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES

Para a coleta de dados foi utilizada a observação das aulas e de atividades realizadas nas instituições; interação com os educadores e educandos, realização de registro em diários de campo e questionário aberto com os educadores que acompanhei nas oficinas, além da análise de documentos das instituições.

¹ Os nomes verdadeiros dos colaboradores foram substituídos por fictícios para preservar a identidade dos sujeitos.

A descrição das aulas e atividades foram feitas por meio do acompanhamento e de anotações das aulas, assim como atitudes e ações dos educadores e educandos que auxiliaram nas questões da pesquisa. Foi criado um diário de campo para cada turno de visita, como ilustra o exemplo abaixo. O restante dos diários de campo encontra-se no Apêndice A (Diário de Campo).

Dia 1: Cesmar

Quarta – feira (manhã) – 04.09

“Cheguei ao Cesmar e fui recepcionada na portaria, então fui encaminhada para falar com a coordenadora, com quem já havia marcado a visita. Ela foi receptiva e me perguntou qual trabalho eu gostaria de realizar na instituição. Expliquei o projeto e na conversa questionei sobre a organização do Cesmar, e ela me apresentou com mais detalhes, me mostrou o cronograma das atividades. Depois me mostrou a área física, explicando como os espaços são utilizados, e apresentou alguns educadores e outros funcionários. Acompanhei as atividades do educador de educação física, José, responsável pelo grupo poliesportivo. Os alunos estavam construindo uma bandeira do estado de Minas Gerais para uma apresentação de trabalhos. O educador auxiliou com as medidas, organização dos materiais e foi orientando para que eles fizessem. Relatou que nas aulas trabalham os fundamentos de vários esportes, os mais tradicionais: futebol, vôlei, basquete, handebol, mas procura ensinar outras modalidades também, como o hóquei. No início os materiais eram adaptados e, como houve aceitação, a instituição comprou os materiais apropriados para as aulas. São efetuadas combinações nas aulas, por exemplo: se algum dia os alunos não estiverem interessados no esporte proposto, podem sugerir outros, mas na próxima aula irão retomar o cronograma. O objetivo dessa oficina é preparar os alunos para o aprendizado da escola, por meio de experiências com diversas modalidades, aprendem a jogar e os papéis dos jogadores. As aulas também têm conteúdo teórico, principalmente quando chove, pois eles ficam na sala e assistem a um filme com um tema referente aos esportes. No final do turno, assisti à oficina de Hip-Hop. O educador pediu que os alunos me mostrassem duas coreografias que irão apresentar em uma amostra. Pôs a música e eles dançaram. Depois houve ensaio de canto com duas educandas. Era com uma música que elas já vinham ensaiando; uma delas queria a letra para acompanhar, mas estavam sem o papel, o educador a incentivou a lembrar, pois já estão há um tempo com a mesma música e ela deveria saber. Uma outra educanda arrumou o som e os microfones. O restante da turma estava na sala assistindo. As meninas ensaiando ficaram rindo e às vezes não cantavam. O educador disse que só daria para participar da amostra com canto se elas estivessem confiantes. Às 11:30 algumas crianças foram liberadas para o almoço. Os outros organizaram a sala e foram para o portão com o educador para esperar o horário de saída. Combinei o próximo dia de visita para acompanhar outras atividades.”

As informações relacionadas aos princípios e à organização dos projetos pedagógicos de educação não escolar foram adquiridas principalmente com as coordenadoras das instituições, que explicaram o funcionamento de cada uma delas. Foram complementadas com as observações e relatos dos educadores. Para melhor captar as compreensões e representações dos educadores acerca da educação não escolar, foi realizado questionário aberto para que os participantes apresentassem sua visão a respeito dessa forma de educação. Abaixo ilustro um questionário realizado, e o restante encontra-se no Apêndice B (questionários realizados).

Questionário ao(a) Educador(a):

Instituição: Murialdo Social

Nome: Rogério

Formação acadêmica: Pedagogia (cursando) – Técnico em Enfermagem

Modalidade oferecida no projeto: Letramento e Numeramento

Curso educador social: (x) sim () não - Educador Assistente

1 – Me conte como começaste a trabalhar aqui. Como tem sido essa experiência?

"Comecei trabalhando com educação infantil e saí por causa da metodologia, não podia educar as crianças, tinha que ser como eles queriam porque os pais pagavam e tinha cobrança com as regras, não me identifiquei. Entreguei meu currículo para todos os projetos sociais e a ACM me chamou, fiquei 1 ano e 5 meses e a coordenação não renovou o contrato da minha vaga. Depois consegui no Murialdo, que é perto da minha casa; me sinto bem aqui porque estou inserido na comunidade, junto com os alunos, eu vivi a infância de periferia como eles. Quando eu vou no mercado eles falam comigo, se eu compro guisado, um fala: "vai fazer pastel, sor?" Eu conheço a maioria, a família deles."

2 – Na sua opinião, como você vê as funções da educação complementar, no turno inverso ao da escola?

Eu sempre digo que do portão pra dentro é lucro, são 4 horas que eles ficam protegidos da rua, da violência, do contato com as drogas, da exibição das meninas nas ruas, da criação de meninos machistas. Aqui na sala tem bonecas, panelinhas e todos brincam. Eu posso puxar a orelha pra cima, pra ajudar, incentivar. Muitos não têm a referência masculina em casa, a presença paterna na família, eles têm o exemplo no projeto. O que eles aprendem é habilidade social, respeitar os outros, fazer a fila, é a educação.

3 - Você acredita que o educando leva o aprendizado adquirido no projeto para a comunidade? O que as famílias relatam sobre a participação das crianças no projeto?

"Eles replicam, levam para casa. Esses dias ensinamos como tomar banho, que inicia da cabeça para os pés, muitos não sabem direito. A separação do lixo, se comunicar baixo, não precisa ficar gritando. Por exemplo, no Halloween, não é só colocar uma fantasia, tem uma história, um porquê. Aprendem a respeitar as meninas: um dia os meninos aprontaram para as meninas e tiveram que servir o lanche pra elas no refeitório e perguntar: "quer água ou suco?" E servir, ser educado.

O retorno da família é muito raro, às vezes um familiar me vê na rua e diz: tu é o professor Roger? Meu filho fala de ti. Já ganhei meu dia. Eles só vêm na instituição quando acontece alguma coisa ruim, o filho bate ou apanha, briga. Também é difícil o acesso ao apoio, conselho tutelar pra saber dos alunos. Só a mãe de uma aluna vem e acompanha; vem 2 vezes na semana para saber como a filha está. Mas é a única."

4 – Quais são os desafios encontrados na realização das atividades?

"Atender às regras dos adultos, muitos ficam sozinhos em casa. Lidar com as frustrações também, pois dão tudo o que querem. Eles não têm autonomia para decidir, se eu pergunto: "está bonito teu desenho?", eles travam, não sabem responder porque não têm autonomia na escola, na vida. Têm muita violência, eles não sabem verbalizar em vez de bater. Xingam os colegas, tudo é a mãe e gera mais raiva. Nos últimos meses diminuíram as brigas. Aqui eles têm que emprestar e dividir os materiais. Tem dois apontadores, é para dividir, poderia ter 20, um para cada, mas precisam aprender a dividir. O ambiente é de todos, é uma comunidade."

5 - Como é realizada a seleção de conteúdos trabalhados no projeto? São realizadas atividades em conjunto com outro educador, da mesma área, ou diferente?

"Aqui no projeto eu tento fazer a diferença, é tudo lúdico, segue um fluxo, não tem muita folha, quadro, eles fazem as atividades, podem levar pra casa ou deixar aqui, tudo tem começo, meio e fim. A prefeitura exige o Letramento, como eu trabalho com as turmas cheias e as idades amplas faço que seja divertido. Tem o planejamento anual com as datas comemorativas e relaciona o letramento, escolho as atividades. A SMED tem um documento com 4 eixos de conteúdos da educação integral, letramento, numeramento, iniciação científica e educação do sensível que são os esportes. E tentamos fazer a integração nas oficinas."

6 – É possível avaliar efeitos no desempenho dos educandos durante a realização das atividades do projeto?

"A diferença não é acadêmica, mas na habilidade social, na visão de mundo deles, lógica, pensam diferente, é principalmente comportamental."

7 – Que sugestões ou mudanças você faria nas atividades e organização do projeto?

"Seria melhor grupos menores, pra eles terem mais atenção, são muitos alunos ao mesmo tempo. E poderia ter uma formação específica, direcionado para cada um."

3.4 PLANO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Ao serem escolhidas as duas instituições para a pesquisa, entrei em contato por telefone no dia 30/08/2019 com a coordenação. Me apresentei, expliquei o projeto referente ao Trabalho de Conclusão do Curso e pedi a liberação para a visita nos locais. No Cesmar tive a autorização e marquei a data da primeira observação no dia 04/09, no turno da manhã. No Murialdo Social retornei na semana seguinte para a confirmação e também marquei o início para observação no dia 04/09, à tarde.

Apresentei nas instituições visitadas uma carta de apresentação em nome da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, devidamente preenchida (Apêndice C – Carta de Apresentação), e no primeiro dia de visita expliquei com mais detalhes o projeto de pesquisa. As coordenadoras me passaram as informações técnicas: organização, cronograma, funcionamento geral nos dois locais. Depois iniciei o contato com os educadores e educandos, me apresentei, expliquei o projeto e pedi a colaboração para a coleta dos dados. Fui bem-recebida nas duas instituições, tanto pela coordenadoria, quanto pelos educadores e educandos. No Cesmar tive muito apoio de todos e me senti mais acolhida pela equipe. Participei de várias atividades, fiz a aula prática de capoeira, dei o "feedback" no ensaio da peça na oficina Movimento Cênico, auxiliei a organização da sala de aprendizagem e mediei a atividade de corrida que a educadora propôs; almocei com os educadores no refeitório no dia em que fiquei os dois turnos na instituição. No Murialdo Social fiquei mais distante, como observadora. Mas nos dois locais, os educadores e as coordenadoras demonstraram-se abertos em colaborar com a pesquisa.

Os documentos analisados foram os seguintes: a) Plano Educativo-Evangelizador do Centro Social Marista de Porto Alegre, obtido através de via eletrônica com a referida instituição. Este documento consiste em um guia para a elaboração dos planos de trabalho e para as ações pedagógicas dos educadores. Apresenta o histórico da instituição, o contexto em que está inserida e o público que atende, as parcerias nos projetos sociais da Rede Marista, características de atuação e organização interna da instituição. b) Documento de orientação intitulado "Sobre a Educação Integral" (SILVA, 2019). Este documento também foi obtido através de via eletrônica com a referida instituição e apresenta os princípios da educação integral pela perspectiva da SMED. Explica cada um dos eixos que direciona a organização da educação integral: Letramento, Numeramento, Iniciação Científica e Educação do Sensível. O documento possui informações gerais sobre o tema, não sendo específico para a instituição que o utiliza.

A coleta de dados ocorreu nos meses de setembro, outubro e novembro de 2019. Foram produzidos 10 diários de campo (5 no Cesmar e 5 no Murialdo Social) e 8 questionários (4 no Cesmar e 4 no Murialdo Social). O quadro a seguir apresenta o cronograma de visitas e a coleta dos dados, as observações, os diários de campo e questionários.

DATA	INSTITUIÇÃO	TURNO	OBSERVAÇÃO
04/09	Cesmar	Manhã	Esporte e convivência/ Hip-Hop
04/09	Murialdo	Tarde	Conversa educadores/ Esportes
10/09	Cesmar	Tarde	Capoeira
19/09	Murialdo	Tarde	Letramento e Numeramento / Papel Machê
24/09	Cesmar	Tarde	Multiesportes
02/10	Cesmar	Manhã / Tarde	Aprendizagem e Recreação / Movimento Cênico
11/10	Murialdo	Tarde	Música
30/10	Cesmar	Manhã	Questionários
08/11	Murialdo	Tarde	Letramento e Numeramento / Música / Questionários
13/11	Murialdo	Manhã	Questionários

Quadro 2. Cronograma das visitas e coleta de dados nas duas instituições.

3.5 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES

Após a coleta de dados, fiz uma leitura exaustiva dos diários de campo e dos questionários realizados. Com esta leitura, destaquei trechos significativos das falas e observações, buscando identificar unidades de significado. Com as unidades de significado levantadas, as distribuí em três grupos que configuraram as três seções de análise, em que cada uma delas pudesse ir ao encontro de responder os objetivos específicos do estudo. Estas análises estão apresentadas no capítulo seguinte, onde busquei retomar e dialogar com as contribuições do referencial teórico, construindo minhas interpretações acerca da empiria produzida no trabalho de campo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

4.1 DESCRIÇÃO DAS AULAS E ATIVIDADES

Ao longo do trabalho de campo pude acompanhar a oferta e a realização de diferentes atividades nas instituições em que realizei o estudo. Assim, neste tópico, descrevo as aulas e atividades observadas durante as visitas, atendendo ao primeiro objetivo do estudo.

No Cesmar foi possível perceber uma rotina semelhante no início das oficinas, como destaque na seguinte passagem de meu diário de campo:

Os alunos foram para a sala e sentaram em um círculo com cadeiras, conversaram entre eles enquanto o educador me explicava como funcionava as aulas (diário de 10/09/2019, na oficina de capoeira).

O monitor levou os alunos para a sala, foram brincando de 'nós andamos iguais'. Sentaram nas cadeiras em círculo e ficaram conversando, o assunto principal foi sobre a filha do educador que estava com 7 dias de vida e alguns alunos relataram experiências de família (diário de 24/09/2019, na oficina de multiesportes).

Fizeram um círculo com cadeiras usando a metade da sala. Foram tomar água e ao banheiro, até os colegas retornarem do almoço (diário de 02/10/2019, na oficina de movimento cênico).

Esta rotina se materializava quase sempre em forma de estabelecer um círculo com os alunos e educador. Neste círculo, a ideia era que todos pudessem se encontrar, dialogar sobre temas diversos e criar um clima que pudesse dar início as atividades da aula.

Após uma interação e organização dos alunos no local das oficinas, as atividades eram propostas pelos educadores, como é possível acompanhar no seguinte registro do diário de campo:

Os alunos estavam construindo uma bandeira do estado de Minas Gerais para uma apresentação de trabalhos. O educador auxiliou com as medidas, organização dos materiais e foi orientando para que eles a fizessem (diário de 04/09/2019, na oficina de esporte e convivência).

O educador distribuiu as bolas de handebol e eles se espalharam na sala. Fizeram um aquecimento quicando a bola com o

comando do apito... Guardaram as bolas e sentaram para a organização da próxima atividade. Fizeram duas fileiras, ficando em duplas, um aluno de frente para outro com uma bola no chão entre eles. No comando do educador eles colocavam a mão na parte do corpo e quando falava bola, um deles tinha que pegar a bola, quem ganhava continuava no jogo até chegar aos finalistas (diário de 24/09/2019, na oficina de multiesportes).

Durante as observações pude perceber o envolvimento dos alunos, participaram das atividades dirigidas, realizando as tarefas e/ou auxiliando no andamento da aula. Já havia algumas combinações para o funcionamento das aulas, mas também por novas solicitações do educador ou, até mesmo, pela iniciativa dos alunos, eles ajudavam a conduzir as atividades, como observado em alguns diários:

Uma outra educanda arrumou o som e os microfones. O restante da turma estava na sala assistindo (diário de 04/09/2019, na oficina de Hip-Hop).

Três alunos se posicionaram nos instrumentos musicais e o educador tocou berimbau, todos cantaram, foram quatro músicas (diário de 10/09/2019, na oficina de capoeira).

Há colaboração e interesse dos alunos para o funcionamento do projeto, muitos auxiliaram na organização das tarefas e da sala, tanto para iniciar ou finalizar as aulas. As oficinas possuem seus locais de prática definidos, com os materiais necessários, espaços e trabalhos já realizados pelos estudantes. Faz parte da rotina guardar os materiais e cuidar do ambiente que convivem, como nos exemplos a seguir:

Dois alunos ajudaram varrendo o chão (diário de 02/10/2019, na oficina de aprendizagem e recreação).

Levaram os materiais do cenário para a quadra e organizaram nos lugares da cena (diário de 02/10/2019, na oficina de movimento cênico).

Apesar do bom convívio entre alunos e junto aos educadores, em alguns momentos pude observar conflitos, em que o educador responsável os solucionou rapidamente, por meio de conversas ou com negociações. Nesses desentendimentos cotidianos o educador encontra possibilidades para solução de problemas e

integração de práticas educativas (TONDIN, 2011). No relato do diário de campo cito um desses acontecimentos:

Na rua um aluno que estava chorando porque queria levar um carrinho para o pátio, bateu nos colegas e correu. A educadora pediu para uma aluna avisar a coordenadora para chamar ele e conversar. Depois ele levou um bilhete para a educadora confirmando a conversa na coordenação, porém ele disse que os colegas haviam batido nele e não o contrário como havia acontecido, então a educadora pediu que ele voltasse e falasse a verdade. Após a coordenadora conversar novamente, ele levou outro bilhete e a educadora o parabenizou por falar a verdade (diário de 02/10/2019, na oficina de aprendizagem e recreação).

Assim como na aula em que eu estava presente e fui protagonista na solução de alguns desentendimentos dos alunos. A educadora saiu e eu fiquei na sala observando e auxiliando os alunos guardarem os materiais. Eles estavam agitados e principalmente os meninos começaram a brigar. Tive que conversar e fazer a mediação na situação. Percebi uma dificuldade em lidar com vários alunos de idades diferente. Por não ter vínculo com eles, fiquei na dúvida de como tratá-los naquele momento.

Os meninos estavam se batendo com pás de plástico e reclamavam dos colegas para mim, um estava chorando, um menino apagou os desenhos das meninas do quadro, um pegou a bola que a educadora pediu para guardar porque não pode jogar na sala. Fui conversando com eles e guardando os materiais, pedi para alguns sentarem para esperar a hora do pátio (diário de 02/10/2019, na oficina de aprendizagem e recreação).

Seguindo a rotina do projeto, na metade do turno ocorre o intervalo para o lanche, momento em que as turmas se encontram no refeitório, sendo dois períodos de intervalo: primeiro as crianças mais novas, depois os mais velhos. É de costume antes da refeição alguns minutos de reflexão, no qual cada educador é responsável por um dia e leva uma mensagem positiva, muitas vezes relacionada aos princípios Maristas. Depois é feita a oração coletiva e então é servido o lanche. Em um dia, dois alunos tiveram participação na reflexão, eles já haviam cantado na sala e lhes foi pedido para demonstrar no refeitório, a educadora incentivou e cedeu o momento para eles. Tratava-se de uma música gospel e que se encaixava na proposta de reflexão:

Uma aluna cantou e outro fez a parte de som, os alunos que sabiam a letra da música acompanharam. Foram muito aplaudidos no final. Alguns educadores que passaram por eles na mesa, parabenizaram pelo trabalho (diário de 02/10/2019, na oficina de movimento cênico).

Após o intervalo do lanche, os alunos voltam às atividades. Algumas turmas permanecem nas mesmas oficinas, principalmente os alunos com idade menor que passam o turno com apenas um educador. Outras turmas têm duas modalidades no dia, então na saída do refeitório já acompanham o outro educador.

Em algumas aulas que acompanhei, os educadores reservaram um tempo no final do turno para atividades ao ar livre, acesso a sala de jogos ou no espaço da própria oficina, porém sem atividades dirigidas. É um período que objetiva a integração e autonomia dos alunos. Essa prática recorrente foi observada nos diários de campo:

Faltando 20 minutos para encerrar as atividades, eles foram para a rua em um espaço maior. A maioria dos meninos jogaram futebol na quadra, o restante da turma criou brincadeiras em pequenos grupos; alguns subiram na árvore e nas pedras (diário de 10/09/2019, na oficina de capoeira).

Ao final da atividade quem precisava foi ao banheiro e tomou água. Depois fomos para a rua, alguns alunos ficaram com outra turma e outros alunos no campo para jogarem futebol, organizaram os times e as goleiras (diário de 24/09/2019, na oficina de multiesportes).

Fomos para a pracinha com um campo gramado ao lado. Alguns alunos ficaram na pracinha, outros jogaram futebol. Uma menina estava com o kit para jogar taco, mas os colegas não a acompanharam. A educadora convidou alguns alunos para correr em volta do lago (diário de 02/10/2019, na oficina de aprendizagem e recreação).

Nesse tempo de integração e autonomia, os alunos criam brincadeiras entre eles, utilizam os materiais e os espaços com atividades diferentes na mesma turma, em grupos de alunos ou individuais. Há uma mediação dos educadores para evitar ou solucionar conflitos que emergem. Os educadores também propõem atividades ou auxiliam pôr em prática a ideia dos alunos, é um tempo mais recreativo e sem obrigatoriedade de cumprir as tarefas.

Ao encerrar o horário das atividades, os educadores se direcionam com os alunos para o portão de saída. Alguns alunos utilizam o ônibus do projeto para retornar às suas casas, outros saem direto com a família ou vão até mesmo sozinhos.

Ao final do período os alunos, junto com o educador, foram para o portão de saída (diário de 10/09/2019, na oficina de capoeira).

No final recolheram os materiais e duas alunas levaram para a sala. A turma fez a fila e se direcionou para o portão de saída (diário de 02/10/2019, na oficina de aprendizagem e recreação).

No Murialdo Social pude perceber uma rotina estabelecida, porém ao longo das visitas houve algumas mudanças referentes a divisão das turmas, controle de frequência, uso dos espaços, tempo de atividades, ou seja, a organização não era igual todos os dias.

Nessa instituição todas as crianças ganham duas refeições, sendo a primeira logo quando chegam ao projeto. Assim como no Cesmar, havia o momento destinado para a oração, todos posicionados em seus lugares na mesa faziam a oração coletiva, depois recebiam o lanche.

Fomos para o refeitório, os alunos lavaram as mãos e se organizaram nas mesas, um educador fez a mediação para o momento da oração. Depois receberam os lanches, enquanto comiam conversavam entre eles e com os educadores (diário de 19/09/2019).

Após o lanche, os alunos são divididos nas suas turmas para se encaminharem ao local da oficina com o educador responsável. Pude perceber o protagonismo do educador de aprendizagem, o qual tinha um papel importante na organização e encaminhamento das crianças para seus educadores.

Após o lanche dividiram-se as turmas para as oficinas, ainda dentro do refeitório, para depois irem para as salas. Fomos para a sala de aula, com as crianças mais novas (diário de 19/09/2019, na oficina de aprendizagem).

Os alunos e educadores estavam no quiosque na rua, um dos educadores fez a chamada e dividiram-se nas turmas para as oficinas do dia (diário de 11/10/2019).

Nesses dois trechos percebe-se a diferença na rotina, onde a distribuição das turmas com seus educadores ocorreu em locais distintos. Assim como o controle da

frequência, que às vezes os educadores fazem na sua turma, e no segundo registro nota-se que apenas o educador de aprendizagem fez a lista de chamada de todos os alunos antes de irem para as oficinas. Apesar de haver uma rotina base a ser seguida, não há um padrão para a realização das atividades. Também percebi grande responsabilidade dos educadores para manter o funcionamento do projeto, tendo autonomia para organizarem o dia-a-dia dos alunos e tendo que se ajustar conforme a demanda do dia.

Em seus locais de oficina, os alunos se dispõem para as atividades propostas pelo educador. Há também a disposição na sala em formato de círculo, no qual os alunos conseguem dialogar, trabalhar juntos e dividir os materiais. Tanto nas salas só com cadeiras, quanto com mesa, sendo essa coletiva:

Sentaram em uma mesa grande, em grupo. O educador fez a chamada e distribuiu os materiais para a aula: papel, lápis e régua (diário de 19/09/2019, na oficina de aprendizagem).

Os alunos e a educadora estavam em uma mesa em grupo com os materiais espelhados para utilizarem juntos. Cada um estava pintando sua peça e ouvindo música no rádio, com som de natureza (diário de 19/09/2019, na oficina de papel machê).

A turma sentou nas cadeiras em círculo e receberam a letra da música (diário de 11/10/2019, na oficina de música).

Geralmente, no início da oficina, os alunos junto com o educador, conversam sobre diversos assuntos, já que as crianças chegam na instituição agitados e com vontade de partilhar acontecimentos pessoais. Parece ser um momento de distração, mas recebem atenção para seus interesses e necessidades, criam a ligação com a turma para iniciarem as atividades dirigidas. Nos espaços de educação não escolar, a tarefa do educador social estende-se para além da condução de oficinas, também atende as problemáticas e conquistas dos alunos (MOURA; ZUCHETTI, 2006).

Conversaram sobre a peça de teatro que os colegas irão apresentar e gostariam de assistir. Depois retomaram para a música 'Dia Especial', o professor explicou que a letra é referente ao Natal, pois fala sobre atitudes positivas (diário de 11/10/2019, na oficina de música).

Os alunos estavam sentados e conversando com o educador, que combinou de jogar online a noite com eles, passou seu *login* no

quadro. Depois pediu silêncio para iniciar a aula e disse que é aula de ouvir (diário de 08/11/2019, na oficina de aprendizagem).

Após a conversa inicial, os alunos precisam ficar atentos às tarefas propostas. Os educadores trabalharam modalidades diversificadas conforme seus projetos de aula, no qual os processos educativos compreendem múltiplos saberes (LAGO; ASSIS, 2016). Buscam a ampliação das áreas de conhecimento com conteúdos que os alunos utilizem em seu dia-a-dia, conheçam práticas diferentes e que se divirtam nas atividades.

Estavam jogando vôlei com a educadora, de forma recreativa porque a maioria dos alunos estavam ausentes (diário de 04/09/2019, na oficina de esporte).

A atividade foi desenhar sua palma da mão na folha e medir com a régua a largura e comprimento. Fizeram o mesmo com o pé (diário de 19/09/2019, na oficina de aprendizagem).

Pude observar a separação de dois times e jogaram vôlei sentado, três não quiseram jogar e ficaram no banco assistindo. Depois ficaram em pé e jogaram futevôlei (diário de 13/11/2019, na oficina de esporte).

Alguns educadores possuem projetos específicos dentro de suas oficinas, como o educador de aprendizagem que vêm trabalhando origami há três meses com os alunos. O educador de informática trabalha com projetos de fotografia há muitos anos na instituição.

Receberam outras folhas para fazer origami. O educador fez o passo-a-passo e os alunos foram acompanhando, aqueles que entendiam melhor ajudavam os colegas com dificuldade. No final o educador mostrou um livro de origami com algumas imagens que eles já tinham feito e alguns novos que iriam aprender... Quando terminamos, alguns alunos fizeram outros que aprenderam nas aulas anteriores para me mostrar e me deram de presente (diário de 19/09/2019, na oficina de aprendizagem).

Quatro alunas negras iriam tirar fotos para o projeto da Consciência Negra. Usou o celular no tripé da câmera e perguntou quem queria iniciar, tirou a foto da primeira aluna, a outra subiu em um brinquedo e pediu para tirar foto lá. As outras também escolheram os locais. O educador chamou uma menina que estava dispersa para ajudar nas fotos (diário de 13/11/2019, na oficina de informática).

Identifiquei que os alunos se envolvem e se dedicam nas atividades, possuem interesse pelas oficinas. Os educadores buscam a participação efetiva dos alunos,

oportunizando a experiência em várias atividades e fazendo com que se tornem protagonistas, auxiliando no andamento das aulas:

Um aluno estava tocando o violão e os outros cantando, dois alunos mais velhos da outra turma estavam participando. O educador organizou a parte que todos cantavam juntos e outra que um desses alunos fez improvisos de Rap. Ao terminar a música, o educador agradeceu a participação e elogiou todos pela aula, o aluno também agradeceu a todos e voltou para sua turma (diário de 08/11/2019, na oficina de música).

A participação também é efetiva na organização das salas e materiais, os alunos colaboram com o educador tanto no início, quanto no final das tarefas:

O educador foi na outra sala buscar as folhas e pediu que os alunos pegassem lápis, borracha e lápis de cor, e deixasse na mesa (diário de 02/10/2019, na oficina de aprendizagem).

No final da aula guardaram os materiais, limparam a sala e foram para o refeitório jantar antes de irem para casa (diário de 11/10/2019, na oficina de música).

Ainda que os alunos tenham interesse e participem das oficinas de forma efetiva, percebi que há uma dispersão maior dos alunos em relação ao observado no Cesmar. No Murialdo Social os educadores pedem mais atenção e mediam muitos conflitos entre as crianças. Quando há mudança de ambiente, se espalham e se distraem nos locais, ocupa-se um tempo considerável até retomarem a concentração nas atividades.

Para entrar na sala, os alunos estavam fazendo bagunça e brigando. O educador mandou fazer uma fila e falou mais sério com eles, para respeitar e manter a calma (diário de 11/10/2019, na oficina de música).

A nova turma pegou a folha da música e estavam muito agitados, não ouviam, faziam barulho. O educador tocou outras músicas que eles já conheciam e gostavam, assim a turma se acalmou... A sala estava muito quente e os alunos dispersos, fomos para rua e os alunos se espalharam no pátio, o educador reuniu de novo e tentou cantar a música, mas eles não estavam interessados, queriam ficar nos brinquedos (diário de 11/10/2019, na oficina de música).

Após as atividades dirigidas, os educadores, na maioria das vezes, liberam os alunos para criarem suas atividades e interajam entre eles, podem utilizar os materiais da aula ou usarem outros, às vezes, até outros espaços da instituição.

Nesses momentos, ocorrem integração dos alunos e autonomia nas aprendizagens, visto que a socialização se torna uma alternativa para troca de experiências e saberes entre os indivíduos (MEDEIROS, 2008).

Na metade da aula tiraram a rede de vôlei e alguns alunos jogaram futebol e outros ficaram sentados nos bancos conversando, enquanto a professora organizava suas anotações das aulas (diário de 04/09/2019, na oficina de esporte).

Alguns foram brincar em outros locais e três meninos ficaram ouvindo funk no celular (diário de 13/11/2019, na oficina de informática).

Após as fotos, a turma de informática foi para a sala dos computadores, sentaram individual ou em dupla, ligaram e fizeram atividades diversas como jogos, vídeos, músicas, desenhos, etc (diário de 13/11/2019, na oficina de informática).

Bem como no Cesmar, esse momento de atividades não dirigidas estabelece a oportunidade para os alunos produzirem autonomia em suas práticas e relacionar-se com os colegas e o ambiente.

Ao final das atividades, os alunos têm sua segunda refeição na instituição. Porém, nessa refeição não ocorre o momento de oração, eles se organizam nas mesas e depois, em pequenos grupos, são liberados para servirem suas refeições, essa é a janta deles.

Os alunos foram para a fila do refeitório, o educador guardou os materiais e auxiliou na organização da janta (diário de 08/11/2019, na oficina de música).

Para o retorno as suas casas os alunos vão com o ônibus da instituição, no qual os educadores acompanham no trajeto até as escolas. Desses locais as crianças estão liberadas para casa, alguns vão sozinhos, outros encontram seus familiares. Em uma das observações pude acompanhá-los nessa ação como descrito no seguinte diário de campo:

Fizeram uma fila e entraram no ônibus, todos foram sentados porque nesse dia tinha poucos alunos. Os educadores vão junto, param na primeira escola, mais próxima do Murialdo e descem alguns alunos. Depois, na segunda escola, para o restante dos alunos. O ônibus retorna à instituição para levar os educadores de volta (diário de 02/10/2019).

Com as observações e registros em formato de diário de campo identifiquei semelhanças entre os projetos de educação não escolar das duas instituições. São ofertadas diferentes atividades ao longo da semana, tendo acesso a modalidades diversificadas como as oficinas de aprendizagem, práticas corporais como esportes e recreação, dança, teatro, trabalhos manuais com reciclagem, papel machê, música, culinária, informática, entre outras. Estas se distribuem seguindo uma rotina: no Cesmar parece ser mais regrada; no Murialdo Social um pouco menos, mas ainda é estruturada. As práticas corporais estão significativamente presentes no cronograma, recebem atenção nas oficinas e têm potencial educativo com transmissão de valores morais e sociais (CARVALHO, 2018).

Os educadores são responsáveis por orientarem as turmas, além de serem referência para o andamento das atividades ao longo do turno. Ainda há a assistência, além da educação, para a prática e participação dos alunos no projeto, no qual recebem as refeições e o transporte público, que auxilia no deslocamento para as instituições, no Cesmar algumas crianças utilizam o ônibus, no Murialdo Social todas utilizam.

No entanto, também encontrei diferenças nas ações dos dois projetos. O que ficou mais evidente foi a organização da rotina como mencionado anteriormente. Embora o Cesmar tenha maior número de crianças frequentando, educadores, oficinas e espaços amplos, as atividades eram mais sistematizadas. A realização das oficinas ocorria de forma coletiva com educadores e alunos, havia uma troca de interesses dos dois lados. Já no Murialdo Social a rotina era mais flexível e apesar da participação efetiva dos alunos, havia uma imposição maior por parte do educador na proposição das atividades.

Mas o questionamento que surge é o quanto essas instituições dizem oferecer uma educação não escolar, trazendo peculiaridades e objetivos próprios, e mesmo assim encontra-se uma grande aproximação e semelhança em diversos aspectos com a escola regular, no que diz respeito às atividades, principalmente de aprendizagem com foco no letramento e numeramento, voltado para o aperfeiçoamento acadêmico com escrita, leitura, contagem. Assim como nas práticas esportivas, em muitas, delas a dinâmica ocorre como na escola, com o uso da quadra poliesportiva e desenvolvendo modalidades como futebol, handebol, voleibol, bastante hegemônicas na escolarização.

A organização das salas com a presença das cadeiras e mesas, quadro e materiais escolares também demarca essa similaridade com a escolarização. O que se difere é a disposição e o maior trabalho em grupo, o coletivismo.

Mostra-se diferente no aspecto das oficinas que, em muitas escolas, não estão inseridas no currículo como dança, teatro, música, capoeira, papel machê, reciclagem, informática. A relação aluno/educador mostra o papel de cada um, com uma certa referência do educador como mediador das atividades e os alunos como receptores. Porém, é possível perceber também uma relação mais afetuosa, uma preocupação na aprendizagem e na participação do aluno. Preocupação essa que ocorre não só em explicar o conteúdo, mas integrar o grupo durante as atividades. De forma geral, pode aprender que há uma certa proximidade das características desses espaços não escolares com a escola regular. No qual, objetiva a ampliação das dimensões de ensino, com diversas metodologias que busca o lúdico e a diversão para os alunos, mas nos aspectos referentes ao ensino de conteúdos se assemelha com os métodos e organização escolar.

4.2 DESCRIÇÃO DOS PRINCÍPIOS E ORGANIZAÇÃO DOS PROJETOS PEDAGÓGICOS

Esta seção do trabalho refere-se ao segundo objetivo específico, onde tive o intuito de descrever os princípios e a organização dos projetos e ações de educação não escolar estudados. Por meio dos materiais coletados nas visitas e da análise dos documentos que conduzem os processos educativos nas instituições, pude retratar a configuração dos espaços não escolares.

No Cesmar a ação pedagógica segue os ideais da Rede Marista, estes dentro de uma perspectiva Cristã. O trabalho na instituição busca a melhoria das condições de vida da população residente em locais de risco e vulnerabilidade social. Tendo seus princípios esclarecidos no trecho do Plano Educativo da instituição:

Contribuição para o desenvolvimento de uma sociedade livre, justa, fraterna e participativa (CENTRO SOCIAL MARISTA DE PORTO ALEGRE, 2019, p.3).

A essência da atuação marista está na prática evangelizadora junto a crianças, adolescentes, jovens e adultos, em especial os mais pobres (CENTRO SOCIAL MARISTA DE PORTO ALEGRE, 2019 p.4).

Seguindo seus princípios, o Cesmar objetiva proporcionar às crianças e jovens a ampliação das áreas de conhecimento, assim, trabalhando muitas dimensões da formação humana e complementando a educação escolar. O documento apresenta como objetivos:

Incentivo à aprendizagem escolar e habilidades artísticas, culturais e esportivas; a redução da infrequência e evasão escolar; o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários; as mudanças comportamentais e nas relações interpessoais no cotidiano das oficinas (CENTRO SOCIAL MARISTA DE PORTO ALEGRE, 2019, p.5).

Para a formação, além da área acadêmica, a instituição possui propósitos que se voltam para a educação integral, no qual os alunos desenvolvem suas competências, habilidades e atitudes. Além de proporcionar condições e assistência básica aos alunos e familiares, atende a população e espera proporcionar o bem-estar da comunidade (ROMERO et al., 2016). Entendendo como maneira de atuar, superar desafios e problemáticas do contexto atual, com atendimento ao aluno participante do projeto e que estes consigam expandir para a comunidade.

A Educação Integral abrange a integralidade nas áreas física, afetiva, cognitiva, intelectual e ética, em espaços de proteção e convivência, contribuindo para a qualidade da educação, para o aumento da jornada escolar e das ações educacionais continuadas (CENTRO SOCIAL MARISTA DE PORTO ALEGRE, 2019, p.19).

A instituição tendo parceria com a SMED, utiliza como base para a oferta de uma educação integral o embasamento em quatro 4 eixos, sendo eles: letramento, numeramento, iniciação científica e educação do sensível. Estes são distribuídos nas modalidades em formato de oficinas, ministradas pelos educadores sociais.

Para que os propósitos sejam alcançados e que os alunos tenham uma grande variedade de conteúdos e experiências diferentes, segue-se um planejamento estruturado pela coordenação da instituição junto com os educadores. O projeto pedagógico é organizado anual e mensalmente, respeitando os interesses e demandas dos alunos, assim como a programação da Rede Marista.

Estamos sempre modificando, esse ano fazemos de um jeito e no outro procuramos modificar para ser melhor. Sempre trocando ideia com eles (alunos), o que eles querem (questionário com a educadora de aprendizagem e culinária).

Utilizando como referência o plano anual, cada educador organiza suas propostas para as oficinas distribuídas em planejamentos mensais. Assim, os educadores têm liberdade para organizarem suas atividades e desenvolverem um trabalho atrativo e essencial para seus alunos.

Todo dia 25 do mês enviamos o cronograma de atividades do próximo mês. Usamos as datas comemorativas como foco e fazemos atividades com música e jogos. Tenho a liberdade para escolher. Troco ideias com os outros educadores de aprendizagem, faço uma atividade e passo para a colega e o que ela faz me passa (questionário com a educadora de aprendizagem e recreação).

Para a realização das aulas, o Cesmar tem uma infraestrutura com diversidade de espaços e materiais, no qual é possível oferecer experiências diversificadas aos alunos. Possibilita a oferta de inúmeras atividades, assim os educadores possuem diferentes locais para ministrar suas oficinas, podendo ajustar as necessidades da prática pedagógica. Pude acompanhar durante as visitas muitos dos locais sendo utilizados pelos educadores ou pelos alunos em momentos de convivência. Estes espaços são apontados no documento da instituição:

Os espaços estão organizados da seguinte maneira: 1 Secretaria; 18 Salas Atividades Múltiplas; 3 Salas Atendimento Individual; 4 Banheiros; 1 Refeitório; Cozinha; 1 Biblioteca; 1 Laboratório de Informática; 1 Ginásio coberto; 1 Galpão; 2 Quadras cobertas; 1 Quadra multiesportiva; 3 Campos de futebol; 1 Capela; 1 Sala de jogos; 1 Piquete (CENTRO SOCIAL MARISTA DE PORTO ALEGRE, 2019 pg.6-7).

Com esta estrutura, a instituição atende a proposta da educação em espaços além da escola. Com ambientes diferenciados é possível oferecer uma série de oficinas e atividades. Dessa forma, abrange a ideia da educação integral, de proporcionar ações pedagógicas em diversos locais e aproveitar espaços para

processos educativos, possibilitando o desenvolvimento do indivíduo (CAMARGO, 2017).

A metodologia para aplicação das atividades é realizada de diferentes formas, combinada e dialogada com os alunos e outros educadores. Busca a participação de todos e o acesso a muitos conteúdos, assim, dando a oportunidade aos alunos conhecerem uma variedade de práticas educativas.

São propostos trabalhos em grupos, vivenciais, atividades de incentivo à aprendizagem formal e atividades artísticas (CENTRO SOCIAL MARISTA DE PORTO ALEGRE, 2019, p.10).

Seguindo a proposta de cada oficina, o educador organiza as aulas com metodologias apropriadas para alcançar seus objetivos e, como muitos relatam, de uma maneira que os alunos tenham o desejo de participar e se envolvam no processo de aprendizagem:

Cada semana é trabalhado um esporte, mas negociamos. Se um dia está no cronograma aula de basquete e eles não querem, podem escolher outro, vôlei, handebol, hóquei, só não pode futebol, se não só querem jogar futebol. E na outra aula é retomado o cronograma (questionário com o educador de esporte e convivência).

É pela faixa etária, necessidade da turma, se são agitados, faço atividades que eles têm que trabalhar em equipe, brincadeiras, se a turma é organizada trabalho fundamentos dos esportes. Também depende da quantidade de alunos. E eles aprendem teoria e prática, tem o cronograma, plano de aula, chamada, avaliação da turma e do aluno (questionário com o educador de multiesportes).

Além da diversidade de modalidades e atividades desenvolvidas dentro do Cesmar, os educadores incentivam a participação dos alunos em projetos fora da instituição como apresentações de dança e teatro, mostras de música e artes, entre outras participações. Os processos educativos em outros locais criam e dão significado ampliado para a formação dos sujeitos (SEVERO, 2015). Esses projetos complementares são para que as crianças tenham acesso a mais oportunidades, saindo da instituição e conseqüentemente da comunidade.

Os grupos participam de atividades externas, passeios de integração, apresentações e convívio (CENTRO SOCIAL MARISTA DE PORTO ALEGRE, 2019 pg.10).

A educadora relatou que estão divididos em dois grupos, grupo 1, ensaiando para uma peça que irão apresentar no Cesmar na próxima terça-feira, e o grupo 2, uma peça para um festival em Osório no dia 22/10/2019 (diário de 02/10/2019, na oficina de movimento cênico).

Os alunos contam com o suporte de outros profissionais, além dos educadores, que prestam assistência individual aos alunos e para seus familiares como nutricionista, psicóloga, assistente social. Estes acompanham os processos educativos, dando apoio para questões que afetam o andamento da criança no projeto, ocorrendo tanto dentro, quanto fora da instituição.

A cada três faltas consecutivas, ou um expressivo número de faltas alternadas, é realizada busca ativa através de contato com a família, visitas domiciliares e articulação com a rede de serviços, como escola, unidades de saúde e outros equipamentos da Assistência Social (CENTRO SOCIAL MARISTA DE PORTO ALEGRE, 2019, p.14).

No Murialdo Social é utilizado como base para a organização e planejamento do projeto de educação não escolar, o documento da SMED referente a educação integral. Tem como objetivo o aumento da jornada escolar, proporcionando aos alunos mais tempo de aprendizagens, em espaços além da escola e ampliando as dimensões do conhecimento. Com demandas contemporâneas, se faz necessário novos cenários educativos, relevantes para aprendizagens e desenvolvimento dos indivíduos (SEVERO, 2015). Essa ideia pode ser lida nos trechos do documento:

O horário expandido representa uma ampliação de oportunidades e situações que promovam aprendizagens significativas e emancipadoras articuladas entre currículo regular e currículo complementar (SILVA, 2019, p.1).

Sendo um currículo que compõe o histórico escolar do aluno e, portanto, visa a sua formação, é preciso que seja distribuído de forma equilibrada com o desenvolvimento dos indivíduos em todas as suas dimensões – física, intelectual, social, emocional e simbólica (SILVA, 2019, p.1).

O plano de trabalho da instituição, assim como no Cesmar, é realizado prevendo as atividades anuais e mensais, de acordo com as comemorações do

calendário e dos eventos do Murialdo. Também tem significativa participação dos educadores na elaboração do cronograma e no planejamento de cada oficina.

Trabalhamos com tema gerador, é uma proposta e todos educadores seguem para o planejamento (questionário com o educador de música).

O Murialdo Social foca seu plano de trabalho nos quatro eixos (Letramento, Numeramento, Iniciação Científica e Educação do Sensível), propostos pela SMED referentes a educação integral. A partir disso as oficinas se encaixam nas diversas áreas, com educadores especializados em cada uma delas. Os educadores reconhecem esses eixos e organizam seu projeto pedagógico em relação a eles.

Em suas oficinas os educadores têm liberdade para criarem seus métodos de ensino-aprendizagem, apropriados aos conteúdos. Na maioria das vezes as tarefas são em grupo, buscando o trabalho coletivo dos alunos ou dividindo os materiais entre eles.

Aqui no projeto eu tento fazer a diferença, é tudo lúdico, fluído, segue um fluxo, não tem muita folha, quadro, eles fazem as atividades, podem levar pra casa ou deixar aqui, tudo tem começo, meio e fim (questionário com o educador de letramento e numeramento).

A instituição trabalha no sentido de ampliar as experiências dos alunos no cotidiano com o propósito de uma educação complementar em espaços educativos além da escola. Proporciona às crianças, além do acesso a diversas modalidades, a prática dessas em outros locais em projetos da cidade ou em parceria com o Colégio Murialdo. Esta é uma forma de ampliar as aprendizagens e torna-las importantes para os sujeitos. Desse modo, os alunos têm maior inserção na sociedade, participando de forma ativa e reconhecendo seu papel social (ROCHA, 2016).

Eles fazem 2 ou 3 peças ao mesmo tempo e revezam o trabalho em cada uma delas nas aulas. Tem uma estante com todos os trabalhos e eles levam para mostras de artes (diário de 19/09/2019, na oficina de papel machê).

Por ser um serviço de educação oferecido em parceria com a SMED, a secretaria tem controle sobre a participação dos alunos no projeto, para que o resultado seja positivo. O acompanhamento é realizado por meio das listas de

presença nas aulas, para que as crianças frequentem e tenham aprendizados significativos, assim como apoio individual ao aluno e as famílias.

Ainda tem outros colaboradores para suporte, porém como relata um dos educadores, em algumas situações como o abandono do projeto ou casos familiares que afetam a criança, se torna difícil o contato e auxílio para a solução dos casos.

Também é difícil o acesso ao apoio do conselho tutelar pra saber dos alunos (questionário com o educador de letramento e numeramento).

Com a análise dos documentos utilizados pelas instituições como referência em suas ações pedagógicas, pude descrever os princípios e a organização dos projetos voltados a educação não escolar. Assim como a complementação das informações coletadas nas visitas, principalmente os questionários, nos quais os educadores que atuam diariamente relataram sobre o funcionamento desses espaços de educação.

Na descrição dos princípios de organização e planejamento das instituições, percebi aspectos iguais entre o Cesmar e o Murialdo Social. Ambos têm como objetivo principal a educação integral, voltada à ampliação das áreas de conhecimento e trabalhando diversas dimensões do indivíduo. Por terem parceria com a SMED, seguem os quatro eixos para a formação: letramento, numeramento, iniciação científica e educação do sensível.

Para alcançar as propostas, é organizado um plano de trabalho anual e mensalmente, encaixando as atividades em temáticas, conforme as necessidades. Os educadores possuem importante participação e são responsáveis pelo andamento dos projetos. Buscando a ampliação da educação são inseridos programas para que os alunos consigam acessar outros ambientes além das instituições. Com a demanda de trabalho, as instituições recebem o suporte de profissionais como nutricionista, psicóloga, assistente social que auxiliam no acolhimento das crianças, assim como, parcerias com SMED e FASC para o funcionamento dos projetos.

Embora, tenha muitas semelhanças na estrutura das duas instituições, a materialização do projeto torna-se distinta na prática. As diferenças aparecem principalmente nas ações dos educadores. Observei que no Cesmar a relação do educador com os alunos, assim como entre as próprias crianças, tem mais afinidade, afeto, atenção, envolvimento e preocupação com as questões individuais dos alunos.

Isso foi perceptível nas interações durante as aulas, encontros no refeitório, no pátio, chegada e saída dos alunos, quando se cumprimentavam ou despediam-se. O convívio entre eles é amigável, ainda que tenha alguns conflitos, principalmente com as crianças menores, mas estes são solucionados rapidamente.

Os educadores do Murialdo Social, em algumas situações, demonstraram a preocupação e conhecimento em relação aos alunos da instituição. Tem atenção nas interações, porém de forma mais sutil, com conversas sobre assuntos pessoais dos educadores e dos alunos, cumprimentos, elogios, troca de ideias nas aulas. Ainda que tenha essa intimidade, ficou mais marcado a posição do educador que passa os conteúdos e o aluno como receptor. O convívio entre as crianças é centrado na turma, com menos proximidade aos outros colegas da instituição.

4.3 COMPREENSÕES E REPRESENTAÇÕES DOS EDUCADORES ACERCA DA EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR

O terceiro objetivo busca descrever as compreensões e as representações que os educadores constroem acerca da educação não escolar. Com as informações coletadas no estudo por meio das observações, diários de campo e questionários, pude ter contato com os educadores, em suas atividades cotidianas, acompanhando suas ações pedagógicas. Portanto, ao longo das observações e conversas ouvi relatos, opiniões e sugestões sobre as instituições de ensino e sobre a função dos projetos de educação não escolar na vida das crianças que frequentam esses espaços.

No Cesmar pela perspectiva dos educadores pude compreender como papel da educação não escolar, proporcionar para os alunos alternativa de atividades dirigidas no tempo que não estão na escola, sendo em um local de convívio, de intervenções educativas, e além de tudo agradável para as crianças. Carvalho (2018) reconhece que a educação não escolar exercida em locais de processo educativos que não sejam a escola, é geralmente oferecida em seu turno inverso para os estudantes com ações coletivas. Essa ideia é exemplificada nas falas das educadoras de aprendizagem:

Gratificante para os alunos, não precisam ficar em casa e têm atividades extras, aprendem e se desenvolvem, têm protagonismo.

Muitos saem daqui e vão para o pólo tecnológico e o colégio (questionário com a educadora de aprendizagem e culinária).

O Cesmar é um apoio, ocupa o espaço, eles têm aprendizado, experiência, partilha. Estariam em outros lugares, fazendo outras coisas, até mesmo na rua, aqui é o porto seguro deles. Eles vão pra escola e para o Cesmar, o dia é preenchido, o Cesmar é o coração da comunidade (questionário com a educadora de aprendizagem e recreação).

Como forma de processo educativo as aulas são ministradas em formato de oficinas. Estas apresentam conteúdos específicos de suas modalidades, mas os educadores reconhecem também como objetivo das aulas a complementação do ensino escolar, com reforço nas matérias, principalmente português e matemática, a prática de esportes variados e o aprendizado de seus fundamentos, além de modalidades artísticas e outras mais voltadas para a utilização nas atividades diárias, reciclagem, tecnologias, trabalhos manuais. Como nos relatos dos educadores de práticas corporais, que percebem seus papéis no ensino dos eixos letramento e numeramento:

O objetivo dessa oficina é preparar os alunos para o aprendizado da escola, por meio de experiências com diversas modalidades, aprendem a jogar e os papéis dos jogadores (diário de 04/09, na oficina de esporte e convivência).

A ideia das oficinas é trabalhar o letramento e numeramento. O objetivo não é formar um professor de capoeira, mas se isso acontecer ele irá gostar (diário de 10/09, na oficina de capoeira).

Nós estamos com a função da escola, não é só o turno inverso, ensinamos o que eles deveriam ter na escola (questionário com o educador de esporte e convivência).

Assim, parece haver uma tendência para as práticas relacionadas ao discurso escolar. Porém, nas observações e em outras conversas os educadores se manifestam diferenciando-se da atuação dos professores que lecionam na escola. Isso porque nos espaços de educação não escolar busca-se atender diversas dimensões (físico, social, emocional) que fazem parte da formação humana, não focando só na dimensão intelectual, como menciona o educador da oficina de multiesportes:

Faz parte da educação, formação do cidadão, não é só intelectual. As crianças aprendem atitudes básicas, de respeito (por favor, com licença, obrigado), tratar os colegas bem. O conteúdo a gente esquece, mas a personalidade fica para a vida (questionário com o educador de multiesportes).

Para a ampliação dos conteúdos e formação dos indivíduos, nas oficinas os educadores tratam sobre assuntos que fazem parte do contexto social dos alunos. As funções da educação nesses espaços vão além do ensino dos conteúdos, os educadores abordam e enfrentam temáticas relacionadas as necessidades atuais, nas mais diversas dimensões do sujeito (MEDEIROS, 2008):

Na minha oficina trabalho com autoestima, valores, potencial, formação humana, não só os esportes... Mostro uma perspectiva de futuro para a vida deles, passo filme com histórias verídicas, pessoas negras, pobres, que venceram. Eles conseguem ter acesso a coisas além de casa e do Cesmar (questionário com o educador de esporte e convivência).

Ao ser trabalhado os temas transversais a partir da realidade dos alunos, entendo os efeitos que a mediação do educador pode causar. Suas ações, a maneira de tratar as crianças e lidar com as situações que se deparam são fundamentais. Para que transformações sociais aconteçam, o educador tem que entender a situação e se identificar com o contexto da comunidade. Nos trechos abaixo é possível perceber o quanto a trabalho do educador social é amplo e ultrapassa o ensino de conteúdos, auxilia os alunos com demandas que aparecem ao longo da vida:

Tentamos ouvi-los e aconselhá-los com os problemas de casa. Fazemos os encaminhamentos, orientamos. O objetivo não é ensinar conteúdos, é ouvi-los também, porque não somos escola, é o turno inverso (questionário com a educadora de aprendizagem e culinária).

E têm algumas dificuldades, como o Marcos, está no sexto ano da escola e não é alfabetizado. Quando tem que escrever em algum trabalho um colega ajuda ou eu. Estou ensinando ele escrever as sílabas, no outro dia ele escreveu três palavras e ficou muito feliz. Também temos uma gravidinha (13 anos), mas ela não quer, não têm os cuidados necessários. E lidamos com tudo isso (questionário com a educadora de aprendizagem e recreação).

Os educadores entendem que os alunos tendo apoio e atenção na instituição, e contato com membros da comunidade, desenvolvem respeito e empatia ao outro.

Aprendem valores e hábitos que se deseja que apliquem no convívio em sociedade. Também aprendem tarefas do dia-a-dia que executam em suas casas. Algumas atitudes que se projeta que produzam efeitos nos alunos são citadas por educadores:

Da pra ver o perfil comportamental, a grande maioria muda para melhor. O esporte não tem muita melhoria, mas a personalidade, seguir as regras sim (questionário com o educador de multiesportes).

A maioria dos alunos contam para gente que aprendem e levam para casa. Por exemplo, na oficina de culinária, levam as receitas para a família, espalham o conhecimento (questionário com a educadora de aprendizagem e culinária).

Por exemplo a reciclagem, aprendem a cuidar do meio ambiente, separam o lixo aqui e levam isso pra casa. Iremos fazer um projeto de lixeiras para separar o lixo, papel, vidros e levarão para casa (questionário com a educadora de aprendizagem e recreação).

Com o trabalho realizado na instituição, pude em algumas oportunidades, perceber retornos de famílias, reconhecendo diferenças atitudinais das crianças, no qual expandem o aprendizado do Cesmar para o ambiente familiar e também para a comunidade.

Saem diferentes, eles têm uma lição de vida. A família relata o progresso e desenvolvimento, que o filho conversa mais, dança, e a importância do Cesmar (questionário com a educadora de aprendizagem e recreação).

No Murialdo Social as representações dos educadores sobre os espaços de educação não escolar também cumprem a função de convivência, uso do local para atividades diversificadas, a prática de costumes e valores e aprendizagens para uso diário, como mencionado pelos educadores da instituição:

Eu sempre digo que do portão pra dentro é lucro, são 4 horas que eles ficam protegidos da rua, sem violência, o contato com as drogas, a exibição das meninas nas ruas, a criação de meninos machistas, aqui na sala têm bonecas, panelinhas e todos brincam... O que eles aprendem é habilidade social, respeitar os outros, fazer a fila, é a educação (questionário com o educador de letramento e numeramento).

Eles vêm da comunidade, tem vulnerabilidade, não só as drogas, violência, negligência, mas descaso da família e escola também. Aqui temos propósito, atenção, alimentação, higiene, buscamos a família, mas temos um abandono. Aqui o lugar é legal, têm esportes, teatro, dança, origami com meu colega, experiência com a tecnologia,

pesquisa, aprendem apresentar trabalhos, os alunos mais velhos aprendem para o trabalho (questionário com o educador de informática).

Ao trabalhar os eixos da educação integral, algumas práticas encontram-se muito próximas aos previstos nas escolas. Com intenção também de complementar o ensino escolar, como um reforço e auxílio aos alunos para aquisição de habilidades e competências. A forma de intervenção e mediação das atividades, assim como, a transmissão de conteúdos pode influenciar no aprendizado das crianças, portanto, as ações pedagógicas dos educadores são relevantes para um ensino de qualidade (ROCHA; ROZEK, 2017).

O educador relatou que eles não têm muita habilidade com a régua, é bom para praticar e eles gostam (questionário com o educador de letramento e numeramento).

Nas conversas com os educadores, estes apresentam ainda, funções sociais da educação, inseridas nas instituições não escolares. Conforme Pérez Gomez (2001), a educação deve alcançar o desenvolvimento e a formação da cidadania, considerando os aspectos sociais, educativos e instrutivos. Como mencionado pelo educador de letramento e numeramento, este reconhece a função social em seu trabalho. Assim como Cardoso e Lara (2009), apresenta como papel da instituição resgatar as funções que seriam da família ou de outros campos da sociedade, na formação do cidadão.

Eles replicam, levam para casa. Esses dias ensinamos como tomar banho, que inicia da cabeça para os pés, muitos não sabem direito. A separação do lixo, se comunicar baixo, não precisa ficar gritando (questionário com o educador de letramento e numeramento).

Para o desenvolvimento dessas funções da educação, as aulas são organizadas em oficinas, como muitas vezes mencionado pelos educadores, de caráter lúdico e apresentam metodologias apropriadas para seus objetivos. Pois, os educadores tendo maior liberdade de criação em suas ações pedagógicas, conseguem ministrar além dos conteúdos específicos, outros temas que se manifestam ao longo dos processos educativos.

Assim como no Cesmar, os educadores reconhecem seu papel amplo na formação dos indivíduos, tendo que lidar com situações cotidianas que afetam o desenvolvimento dos alunos. Logo, o educador social procura entender as necessidades dos alunos, e inserir as problemáticas dos contextos sociais em suas aulas, para que o aprendizado tenha sentido prático. Desse modo, atendem as mais diversas demandas individuais e coletivas (CAMARGO, 2017).

Tenho que ser amigo, pai, irmão, todos os papéis. Tem um envolvimento e tem que separar o papel de educador, se pôr no lugar. Tenho que conversar com eles, saber como estão, às vezes aconteceu alguma coisa e o aluno está frágil, tem que cuidar como falar (questionário com o educador de música).

Hoje o aluno assumiu o violão, perdeu a vergonha, teve confiança, como está um tempo comigo e a mesma turma teve coragem de tocar. Ele já sabia fazer, durante o ano vinha tocando, mas hoje saiu uma música, também foi convidado para participar do festival de música do colégio Murialdo. Fiz a integração e ele se sentiu à vontade (questionário com o educador de música).

Por meio do projeto de educação não escolar, os educadores esperam que os alunos desenvolvam saberes atitudinais que influenciam suas relações com outros membros da comunidade. Para isso, é importante considerar as individualidades de cada aluno e reconhecer seus interesses, dilemas e contexto que vivem (RIBEIRO; PALHARES, 2017).

A diferença não é acadêmica, mas na habilidade social, a visão de mundo deles, lógica, pensam diferente, é principalmente comportamental (questionário com o educador de letramento e numeramento).

Os processos atitudinais são observados nas atividades realizadas na instituição e além dela, pelo retorno de famílias que apontam mudanças nas crianças ao longo da participação no projeto. Nos diálogos com os educadores encontrei contradição em relação ao apoio e acompanhamento dos familiares dos alunos. Como no primeiro relato em que é apresentado o reconhecimento e prestígio ao Murialdo Social, e no segundo, que ocorreu uma situação de desmotivação para a prática do aluno:

Melhora o relacionamento entre eles. Eu vejo, e eles comentam na escola e comunidade e os outros ficam com vontade de vir pra cá. Tem uma gratidão das pessoas, deixam os filhos, são cuidados e alimentados, é importante para eles isso, o almoço e a janta (questionário com o educador de informática).

Ninguém investe em um instrumento em casa. A educação é complementar, mas não tem um incentivo da família. Uma vez dei umas 3 ou 4 flautas para alguns alunos, uma senhora me agradeceu pelo presente, e a mãe de outro aluno reclamou, disse que o filho fica fazendo um barulhão em casa com a flauta. Eu moro no bairro e encontro os alunos com os pais, a maioria não vem nas reuniões, 10% é muito, acham que temos que cuidar dos problemas deles que são os filhos, mas são crianças, precisam de cuidados (questionário com o educador de música).

Os educadores sociais das duas instituições apresentam como alguns dos papéis dos espaços de educação não escolar proporcionar às crianças e jovens um local para que passem o tempo em que não estão na escola, partilhando experiências e aprendizagens com outros indivíduos. Esses espaços têm funções educativas e são compreendidos como agradáveis e divertidos para os alunos. Como ações relacionadas a educação, buscam atender dimensões físico, social, cognitivo e emocional.

Os educadores lidam com situações e demandas da vida dos alunos, e buscam dar atenção às dificuldades de aprendizagem, conflitos em casa, problemas e angústias pessoais. Com comprometimento no seu trabalho, os educadores têm retornos das mudanças atitudinais nos alunos. Dessa forma, os educadores escutados constroem representações de que as crianças e jovens conseguem levar efeitos socializadores de seu trabalho nestas instituições para suas famílias e comunidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para entender as representações, a organização e as atividades oferecidas nos espaços de educação não escolar, fiz visitas e sessões de observações em duas instituições de Porto Alegre que promovem projetos educativos no contra turno escolar. Nesses locais realizei observações e anotações em diários de campo, questionários com os educadores responsáveis por ministrar oficinas e tive vivências com os alunos e os profissionais (acompanhei as oficinas e outras ações das instituições e participei em algumas atividades). Diante disso, colhi informações que auxiliaram nas reflexões referentes ao objetivo da pesquisa: “Compreender as representações que educadores constroem acerca da educação não escolar na formação dos educandos, e como se organizam os projetos pedagógicos e as atividades inseridas nesse espaço”.

A partir da análise das informações, constatei que ambas instituições, Cesmar e Murialdo Social, ofertam uma variedade de atividades, sendo as modalidades trabalhadas em formato de oficinas. Grande parte das atividades ofertadas são práticas corporais, relacionadas à Educação Física. Outros educadores, que não são formados nessa área de conhecimento, também fazem uso das práticas corporais para momentos de recreação e interface com suas aulas, como nas oficinas de aprendizagem que teve presente tênis de mesa, corrida, futebol. Esses espaços ainda contribuem com outras ações de potenciais educativos, nas interações, convivências e na rotina das instituições.

Quanto aos princípios e organização dos projetos, percebi como finalidade a educação integral, que segue os eixos da SMED: letramento, numeramento, iniciação científica e educação do sensível. Estes que se encaixam nas atividades planejadas ao longo do ano pela coordenação e educadores das instituições. O Cesmar possui uma infraestrutura mais ampla, com espaços, materiais e oficinas diversificadas. Nos dois projetos há variedade de atividades oferecidas aos alunos, propiciando experiências em diferentes áreas de conhecimento. Ainda que tenha muitas semelhanças entre as instituições, observei diferenças na atuação dos educadores, sendo no Cesmar as relações com os alunos e outros colegas mais afetuosas. No Murialdo Social, parece haver menor afinidade entre os educadores e alunos e entre as crianças também, embora eu tenha percebido que há preocupação e atenção às individualidades dos alunos. Vejo nessas relações um contraste com a educação

escolar, em geral, o professor entra na sala de aula para ensinar o conteúdo proposto e não constrói proximidade com os estudantes, pouco os conhecendo.

Compreendi por meio das observações e dialogando com os educadores, que os espaços de educação não escolar se tornam locais de práticas educativas, algumas relacionadas aos conteúdos escolares, outras não. Também buscam o ensino de hábitos, costumes e valores. Aproximando-se da realidade e contexto social que se inserem. Além disso, são ambientes de acolhimento para as crianças e jovens, principalmente aqueles que moram em zonas de risco e vulnerabilidade. Assim, o foco representado pelos educadores não é o aprendizado das modalidades em si, mas estas utilizadas como meio para suprir as demandas e necessidades dos alunos que frequentam as instituições.

Nesse sentido, entendo a importância de oferecer ações de educação complementar ao da escola, com características semelhantes ao descrito nesse trabalho, visando uma educação ampliada, nos aspectos físico, social, cognitivo e emocional. Compreendo também, que as ações pedagógicas ofertadas em instituições como as que pesquisei, são relevantes ferramentas para transformações sociais.

Os espaços de educação não escolar como o Cesmar e Murialdo Social são locais de integração dos membros da comunidade em ações coletivas. No qual compartilham dos mesmos espaços, materiais, atividades e aprendizagens. Assim, esses espaços de convivência são potenciais socializadores. Em que os alunos trocam experiências entre si e com os educadores, sendo uma forma de aprender e se inserir na sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Casa Civil**: Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 2014.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Casa Civil**: Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, ano 139, n. 8, p. 1-74, 13 jul. 1990.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Casa Civil**: Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 1996.

CAMARGO, T. D. De. **A educação integral como possibilidade para as problemáticas do século XXI**: uma nova educação, para uma nova ciência e um novo ser humano. 2017. [s. l.], 2017. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172759>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

CARDOSO, M. A.; LARA, Â. M. de B. **Sobre as funções sociais da escola**. Curitiba. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/1929_1160.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2019.

CARVALHO, R. de O. **As práticas corporais na educação integral em tempo integral**: um estudo em duas escolas públicas. 2018. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [s. l.], 2018. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/187422/001083021.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

CAVALIERE, A. M. Anísio Teixeira e a educação integral. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, [s. l.], v. 20, n. 46, p. 249–259, 2010.

CENTRO SOCIAL MARISTA DE PORTO ALEGRE. **Plano Educativo-Evangelizador do Centro Social Marista de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2019.

DIEHL, V. R. O.; MOLINA NETO, V. Fluxo Migratório e a Ação Pedagógica dos Professores de Educação Física. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 35, n. 2, p. 253–277, 2010. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/7615>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à práxia educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KEHLER, G. dos S. **Instrução Elementar no Séc. XIX: uma síntese** | **Revista Gestão Universitária**. 2014. Disponível em: <<http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/instrucao-elementar-no-sec-xix-uma-sintese>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

LAGO, N. A. Do; ASSIS, T. C. De. O monitor do Programa Mais Educação: em busca

de uma definição conceitual. **Pro-Posições**, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 111–132, 2016.

MEDEIROS, R. M. N. **Uma educação tecida no corpo**. 2008. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [s. l.], 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/14144/1/RosieMNM.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. [S. l.], 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 17 nov. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa mais Educação**. Brasília: Brasil, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689>. Acesso em: 17 nov. 2019.

MOURA, E.; ZUCHETTI, D. T. Explorando outros cenários: educação não escolar e pedagogia social. **Educação Unisinos**, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 228–236, 2006.

PÉREZ GOMES, A. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. **Fundação de Assistência Social e Cidadania**. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 2012. Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/fasc/default.php?p_secao=56. Acesso em: 17 nov. 2019.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. **Secretaria municipal de educação**. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 2016. Disponível em: https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smed/default.php?p_secao=518. Acesso em: 17 nov. 2019.

RIBEIRO, Á. M. C.; PALHARES, J. O homeschooling e a crítica à escola: hibridismos e (des)continuidades educativas. **Pro-Posições**, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 57–84, 2017.

ROCHA, J. dos S.; ROZEK, M. Quando o aprender na escola é (im) possibilidade. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 361–373, 2017.

ROCHA, J. dos S. **O aprender como produção humana: os sentidos subjetivos acerca da aprendizagem produzidos por adolescentes em situação de vulnerabilidade social**. 2016. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [s. l.], 2016. Disponível em <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6714/2/DIS_JULIANA_DOS_SANTOS_ROCHA_COMPLETO.pdf>

ROMERO, D. L. et al. Transtornos mentais comuns em educadores sociais. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, [s. l.], v. 65, n. 4, p. 322–329, 2016.

SEVERO, J. L. R. de L. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, [s. l.], v. 96, n. 244, p. 561–576, 2015.

SILVA, I. C. T. **Sobre a Educação Integral**. Porto Alegre, 2019 (mimeo.)

TONDIN, G. **A formação dos educadores sociais de esporte e lazer no programa esporte e lazer da cidade -PELC - em Porto Alegre**. 2011. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [s. l.], 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/48909/000828097.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução À Pesquisa Em Ciências Sociais**. 1. ed. [s.l.] : Atlas, 1987.

APÊNDICE

Apêndice A – Diários de campo

Dia 1: Cesmar

Quarta – feira (manhã) – 04.09

Cheguei ao Cesmar e fui recepcionada na portaria, no qual fui encaminhada para falar com a coordenadora, quem já havia marcado a visita. Ela foi receptiva e me perguntou qual trabalho eu gostaria de realizar na instituição. Expliquei o projeto e na conversa questioneei sobre a organização do Cesmar, ela me apresentou com todos os detalhes, me mostrou o cronograma das atividades. Depois me mostrou a área física, explicando como os espaços são utilizados e apresentou alguns educadores e outros funcionários. Acompanhei as atividades do professor de educação física João Paulo, responsável pelo grupo poliesportivo. Os alunos estavam construindo uma bandeira do estado de Minas Gerais para uma apresentação de trabalhos. O professor auxiliou com as medidas, organização dos materiais e foi orientando para que eles fizessem. Relatou que nas aulas trabalham os fundamentos de vários esportes, os mais tradicionais, futebol, vôlei, basquete, handebol, mas procura ensinar outras modalidades também, como o hóquei, no início os materiais eram adaptados e como teve aceitação a instituição comprou os materiais apropriados para as aulas. Fazem combinações nas aulas, se algum dia os alunos não estão interessados no esporte proposto podem sugerir outros, mas na próxima aula irão retomar o cronograma. O objetivo dessa oficina é preparar os alunos para o aprendizado da escola, por meio de experiências com diversas modalidades, aprendem a jogar e os papéis dos jogadores. As aulas também têm conteúdo teórico, principalmente quando chove, eles ficam na sala e assistem filme com um tema referente aos esportes. No final do turno assisti a oficina de Hip-Hop. O educador pediu que os alunos me mostrassem duas coreografias que irão apresentar em uma amostra. Pôs a música e eles dançaram. Depois teve ensaio de canto com duas educandas. Foi uma música que elas já vinham ensaiando, uma delas queria a letra para acompanhar, mas estavam sem o papel, o educador incentivou ela a lembrar, pois já estão há um tempo com a mesma música e ela deveria saber. Uma outra educanda arrumou o som e os microfones. O restante da turma estava na sala assistindo. As meninas ensaiando ficaram rindo e às vezes não cantavam, o educador disse que só daria para participar da amostra com canto

se elas estivessem confiantes. As 11:30 algumas crianças foram liberadas para o almoço. Os outros organizaram a sala e foram para o portão com o educador para esperar o horário de saída. Combinei o próximo dia de visita para acompanhar outras atividades.

Dia 2: Cesmar

Terça-feira (tarde) – 10.09

Nesse dia alguns educadores estavam em reunião, então as turmas foram reajustadas em outras oficinas. Acompanhei a oficina de capoeira. Os alunos foram para a sala e sentaram em um círculo com cadeiras, conversaram entre eles enquanto o educador me explicava como funciona as aulas, no qual a ideia das oficinas é trabalhar o letramento e numeramento, ele não foca nisso, mas usa as músicas da capoeira relacionadas ao alfabeto e a contagem. As aulas são teóricas e práticas, na sala tem um projetor, em alguns dias eles assistem filmes relacionados ao tema. Disse que o objetivo não é formar um professor de capoeira, mas se isso acontecer ele irá gostar. O educador convidou os alunos a me mostrarem o que eles aprendem nas oficinas. Três alunos se posicionaram nos instrumentos e o educador tocou berimbau, cantaram quatro músicas. Depois foram para o pátio e fizeram um círculo na marcação do chão, alongaram o corpo com orientação do educador. Dividiram-se em duplas para treinar os movimentos da capoeira, no círculo o educador mostrava com auxílio de um colega e depois eles faziam, trocando as duplas três vezes. Foram para outra área, e se posicionaram em fileira na parede, os meninos ficaram na frente para os próximos exercícios, em posição de “caranguejo” foram até o final e voltaram, depois as meninas fizeram, assim com as poses de “sapo” e “costas”. Utilizando a parede treinaram parada de mão e de cabeça. O educador auxiliou alguns alunos e os próprios alunos se ajudavam, dando dicas ou segurando para o colega não cair. E por último treinaram “ponte”. Tiveram um tempo para tomar água e ir ao banheiro, depois fizeram a fila para irem ao refeitório. Quando voltaram para o local da oficina se posicionaram na roda de capoeira. O educador mostrou movimentos com ginga e os alunos treinaram em duplas, como no primeiro momento da aula. E no final fizeram o jogo, com os alunos tocando instrumentos e todos participando da roda. Faltando 20 min para encerrar as atividades eles foram para a rua em um espaço maior. A maioria dos meninos jogaram futebol na quadra, o restante da turma criou brincadeiras em

pequenos grupos, alguns subiram na árvore e nas pedras. Uma menina não quis brincar com os colegas e ficou conversando comigo e o outro educador, contando que sua mãe saiu do hospital nos últimos dias com seu irmão recém-nascido, tinha ficado internada e estava melhorando, mas a aluna estava preocupada. Ao final do período os alunos junto com o educador foram para o portão de saída.

Dia 3: Cesmar

Terça - feira (tarde) – 24.09

Nesse dia acompanhei as turmas do educador físico Igor, explicou que na primeira parte da aula são feitas brincadeiras e jogos e após uma modalidade de esporte. Quando cheguei na quadra, eles já estavam fazendo uma atividade, no qual os alunos fizeram um círculo em pé e havia 5 bolinhas no chão, o educador dizia uma parte do corpo e os alunos encostavam as mãos, quando dizia bolinha, os alunos corriam para dentro do círculo com objetivo de pegar as bolinhas e entregar ao professor. Repetiram algumas vezes. O educador perguntou se eles sabiam as partes do corpo humano em inglês e foi mostrando a parte e falando o nome, disse que na próxima aula eles iriam fazer a atividade em inglês. O educador pediu para os alunos escolherem se queriam jogar futebol ou pular na cama elástica, a maioria escolheu cama elástica. Um aluno queria jogar futebol e estava com a bola, mas o educador pediu que ele ficasse junto com a turma, porque a maioria tinha escolhido pular. Mais as meninas que foram na cama elástica, elas se organizavam, pode pular dois de cada vez e contavam 60 segundos, depois trocava, as vezes iam mais de dois e o educador pedia para descer. Os meninos ficaram brincando entre eles. O educador comentou que na atividade dirigida é mais fácil de controlar a turma, quando ficam livres têm mais conflitos e bagunça. Fizeram a fila e foram para o refeitório. Após o lanche mudou a turma, o monitor levou os alunos para a sala, foram brincando de “nós andamos iguais”. Sentaram nas cadeiras em círculo e ficaram conversando, o assunto principal foi sobre a filha do educador que estava com 7 dias de vida, e alguns alunos relataram experiências de família. O educador disse que estão trabalhando ginástica rítmica e pediu para os alunos mostrarem a coreografia. Distribuiu as bolas de handebol e eles se espalharam na sala. Fizeram um aquecimento quicando a bola com o comando do apito. Depois explicou a coreografia para o aluno novo e disse para ele copiar, nas próximas aulas ele irá aprender. Lembraram a coreografia sem a música, depois com música. Repetiram algumas vezes até acertarem. Guardaram as bolas e sentaram

para a organização da próxima atividade. Fizeram duas fileiras, ficando em duplas, um aluno de frente para outro com uma bola no chão entre eles. No comando do educador eles colocavam a mão na parte do corpo e quando falava bola, um deles tinha que pegar a bola, quem ganhava continuava no jogo até chegar aos finalistas. Ao final da atividade quem precisava foi ao banheiro e tomar água. Depois fomos para a rua, alguns alunos ficaram com outra turma e outros alunos no campo para jogarem futebol, organizaram os times e as goleiras. O educador relatou que o objetivo é os alunos terem autonomia para realizar os jogos, e já melhorou muito porque no início eles não faziam sozinhos, precisava mediar e organizar tudo e agora eles sabem montar o jogo.

Dia 4: Cesmar

Quarta-feira (manhã) - 02.10

Cheguei após o lanche da manhã, quando as turmas já estavam com seus educadores. Acompanhei a aula de letramento e numeramento. Havia duas turmas na sala porque faltou um educador. Eles tinham feito a atividade principal do dia, dividiram-se nas turmas porque as idades são diferentes. A turma dos alunos menores fizeram um trabalho de pintura de desenhos para treinar motricidade fina, noção de espaço, controle óculo-manual conforme a educadora relatou, e deveriam contar a quantidade de desenhos semelhantes e escrever o número equivalente em quadrinhos. E os alunos maiores, junto com a educadora citaram frases que significavam para eles “Ser criança é...” e escreveram no quadro. A educadora também relatou algumas atividades que fazem nas aulas como “a hora do conto” que os alunos ajudam na contação de história com fantoches, fantasias, cordel. São trabalhadas matérias da matemática e português de forma lúdica (“eles têm que gostar de estar no Cesmar”), e na segunda parte da aula vão para o pátio para recreação. No momento que cheguei na sala para acompanhar a turma eles estavam com jogos, brinquedos, folhas de papel para desenho, escrevendo no quadro e assistindo filme no computador. Enquanto brincavam a educadora me explicava a rotina deles e mostrava alguns trabalhos realizados. Depois pediu que eles guardassem tudo para irmos no pátio. A educadora foi ao banheiro e pediu que eu cuidasse da turma, auxiliei eles guardarem os materiais, e teve vários conflitos entre alguns alunos, os meninos estavam se batendo com umas pás de plásticos e reclamavam dos colegas para mim, um estava chorando, um menino apagou os desenhos das meninas do quadro, um

pegou a bola que a educadora pediu para guardar porque não pode jogar na sala. Fui conversando com eles e guardando os materiais, pedi para alguns sentarem para esperar a hora do pátio. E dois alunos ajudaram varrendo o chão. Quando a educadora voltou terminou de organizar e fomos para a pracinha com um campo gramado ao lado. Na rua um aluno que estava chorando porque queria levar um carrinho para o pátio bateu nos colegas e correu, a educadora pediu para uma aluna avisar a coordenadora para chamar ele e conversar. Depois ele levou um bilhete para a educadora confirmando a conversa na coordenação, porém ele disse que os colegas haviam batido nele, então a educadora pediu que ele voltasse e falasse a verdade. Após conversar novamente com ele, levou outro bilhete e a educadora o parabenizou por falar a verdade. Alguns alunos ficaram na pracinha, outros jogaram futebol, uma menina estava com o kit para jogar taco, mas os colegas não a acompanharam. A educadora convidou alguns alunos para correr em volta do lago, fez a linha de chegada no chão e os alunos se posicionaram, aqueceram com uma corrida no lugar e alongamentos com orientação da educadora. Aqueles que têm asma a professora não deixou participar para eles não passarem mal. No apito eles correram, um dos alunos com asma que queria participar ficou na linha para marcar quem chegaria primeiro. Repetiram a corrida mais 3 vezes com outros alunos participando. Na última eles mesmo se organizaram. No final recolheram os materiais e duas alunas levaram a sala. A turma fez a fila e se direcionou para o portão de saída.

Almoço: Os educadores almoçam no refeitório e têm 1h45min de intervalo. Depois acompanhei duas educadoras responsáveis pela oficina “Movimento Cênico” de teatro e dança, oferecido nas quartas-feiras, dia de grupo que os alunos escolhem qual modalidade participar. No intervalo elas entraram em contato com a costureira para encomendar figurino para a próxima apresentação.

Dia 4: Cesmar

Quarta-feira (Tarde) - 02.10

Os alunos foram recebidos no portão de entrada, alguns foram para o almoço e o restante para a sala. Essa oficina tem a maior quantidade de alunos, em torno de 40. Fizeram um círculo com cadeiras usando a metade da sala. Foram tomar água e ir ao banheiro até os colegas retornarem do almoço. A educadora relatou que estão divididos em dois grupos, grupo 1, ensaiando para uma peça que irão apresentar no Cesmar na próxima terça-feira, e o grupo 2, uma peça para um festival em Osório no dia 22.10.2019. Quando todos estavam na sala ensaiaram uma coreografia de dança

com a educadora em frente ao espelho. A educadora lembrava os passos e depois dançavam com a música. Após repassar a coreografia os alunos dançaram sozinhos. Depois dividiu o grupo que apresenta esta coreografia no espetáculo e aqueles que não apresentam, e ensaiaram em espaços separados na sala, pois todos aprendem. Depois sentaram nas cadeiras para a chamada, combinações do dia e o momento de oração. Uma aluna cantou e outro fez a parte de som. Ela contou para a turma que foi contratada para cantar em um aniversário fim de semana. Essa aluna está desde pequena na instituição e por ter uma boa voz, foi incentivada fazer aula de canto e os pais apoiaram. O grupo 1, no qual eu acompanhei, foi para a quadra na rua fazer o ensaio e o grupo 2 ficou na sala, cada um com uma educadora. Levaram os materiais do cenário para a quadra e organizaram nos lugares da cena. Se reuniram em círculo para combinar o ensaio. Durante a realização da peça a educadora foi dando alguns comandos e lembrando alguns momentos. No final sentaram para ouvir as correções, e teve muitos erros porque não estavam atentos, após as críticas eles pediram para passar mais uma vez, como havia tempo a educadora organizou para mais um ensaio. Dessa vez foi muito melhor, pois se dedicaram mais e ficaram felizes com os elogios, mas sabem que precisam de algumas correções. Combinaram os figurinos e a organização dos próximos ensaios, guardaram os materiais na sala. E fizeram a fila junto com o restante da turma para irem para o lanche no refeitório. Organizaram-se nas mesas e tem o momento da reflexão, que um educador diz uma mensagem. Como era a educadora do movimento cênico, o aluno pediu que ele e a colega que cantou na sala fizesse esse momento. Após o lanche voltaram para a sala. O grupo 2 preparou-se para ensaiar sua peça, e o grupo 1 assistiu. Durante o ensaio a educadora responsável corrigia algumas partes e dava dicas para melhorar a encenação, mas os alunos conduziram a peça. No final eles se reuniram para um feedback do ensaio, combinaram os próximos, organizaram a sala, e foram para o portão de saída.

Dia 5: Cesmar

Quarta – feira (manhã) – 30.10

A coordenadora me liberou para as entrevistas e avisou no grupo do whatsapp que eu iria conversar com alguns educadores, e disse que eu poderia conversar, mas durante as atividades, pois eles não conseguiriam sair da turma. Fui no movimento cênico que tem duas educadoras, uma estava fazendo a chamada e a outra na rua,

perguntei se poderia fazer a entrevista e ela disse que teria que auxiliar na atividade logo mais. Fui nas salas de aprendizagem, e a educadora que eu fiz observação das atividades não estava na sala. Entrei em outra, conversei com a educadora e ela aceitou responder a entrevista, já que a turma estava calma jogando tênis de mesa. Expliquei como seria e pedi para gravar, ela aceitou. Ao terminar ela me ajudou a procurar a outra educadora, que já havia retornado para a sala com os alunos. Pedi para fazer a entrevista e ela aceitou. Deu mais uma atividade para os alunos e pediu a colaboração para conversar comigo. Não aceitou a gravação de voz, porque teria barulhos na sala. O próximo educador estava na quadra jogando vôlei em círculo e outros alunos no futebol. Pedi para fazer a entrevista e ele podia, porque não estava orientando a atividade e estava com o monitor. Quando terminou fomos à sala de jogos, ele iria pedir para uma educadora conversar comigo, mas encontrei outro responsável pelos esportes e conseguimos conversar.

Dia 1: Murialdo Social

Quarta – feira (tarde) – 04.09

Me apresentei na portaria e passei na sala da coordenação, com quem tinha combinado a visita na instituição. Ela me perguntou como seriam as visitas, expliquei o projeto, pedi para assistir as atividades dos educadores e perguntei sobre a organização do Murialdo. Ela disse que estava com bastante trabalho e pediu que eu acompanhasse o educador de letramento e numeramento, que estava passando na frente da sala. Eu me apresentei para ele e expliquei meu projeto. Ele me mostrou os espaços físicos e explicou o funcionamento conforme eu perguntava. Era horário de intervalo dos alunos e os outros educadores estava no pátio. Ele me apresentou para os educadores de educação física, papel machê e informática. Conversando com eles, me deram informações sobre a instituição. O educador de informática me mostrou o restante das salas, depois assisti a aula de educação física. Estavam jogando vôlei com a educadora, de forma recreativa porque a maioria dos alunos estavam ausentes. Na metade da aula tiraram a rede de vôlei e alguns alunos jogaram futebol e outros ficaram sentados nos bancos conversando, enquanto a professora organizava suas anotações das aulas. Combinei com a coordenadora o próximo dia de visita e confirmei algumas informações que os educadores me passaram.

Dia 2: Murialdo Social

Quinta-feira (tarde) – 19.09

Nesse dia tinham três modalidades, o papel machê que alguns alunos inscritos participam, informática e letramento/numeramento como modalidades principais do cronograma. Quando os alunos chegaram acompanhei o educador de letramento. “Fomos para o refeitório, os alunos lavaram as mãos e se organizaram nas mesas, um educador fez a mediação para o momento da oração. Depois receberam os lanches, enquanto comiam conversavam entre eles e com os educadores. Após o lanche dividiram-se as turmas para as oficinas, ainda dentro do refeitório, para depois irem para as salas. Fomos para a sala de aula, com as crianças mais novas. Sentaram em uma mesa grande, em grupo. O educador fez a chamada e distribui os materiais para a aula: papel, lápis e régua. Lembraram o que fizeram na aula anterior, estão estudando as medidas e na última aula mediram a altura. O professor perguntou o que se usa para fazer medidas e os alunos responderam régua, trena, fita métrica. Depois contou como surgiu os aparelhos para medir, porque antigamente se usava o “palmo” e os tamanhos são diferentes. Comparou o tamanho da sua mão com alguns alunos. A atividade foi desenhar sua palma da mão na folha e medir com a régua a largura e comprimento. Fizeram o mesmo com o pé. O educador relatou que eles não têm muita habilidade com a régua, é bom para praticar e eles gostam. Quando terminaram organizaram a sala e foram ao banheiro e tomar água. Sentaram-se de novo em torno da mesa e receberam outras folhas para fazer origami, estão com esse projeto há 3 meses. Nesse dia o origami foi um coelho. O professor fez o passo-a-passo e os alunos foram acompanhando, aqueles que entendiam melhor ajudavam os colegas com dificuldade. No final o professor mostrou um livro de origami com algumas imagens que eles já tinham feito e alguns novos que iriam aprender, e a partir da próxima aula eles iriam receber as orientações das dobraduras sem muito detalhes, porque já estão em um nível avançado e sabem fazer. Quando terminamos, alguns alunos fizeram outros que aprenderam nas aulas anteriores para me mostrar e me deram de presente. Organizaram a sala e ficaram brincando com os origamis. Assisti ao final da oficina de papel machê. Os alunos e a educadora estavam em uma mesa em grupo com os materiais espelhados para utilizarem juntos. Cada um estava pintando sua peça e ouvindo música no rádio, com som de natureza. Após um tempo a educadora desligou o rádio e disse que os alunos estavam concentrados nos trabalhos e não deviam estar prestando atenção na música porque eles não iriam gostar. Eles fazem 2 ou 3 peças ao mesmo tempo e revezam o trabalho em cada uma

delas nas aulas. Tem uma estante com todos os trabalhos e eles levam para mostras de artes. No final da aula guardaram os materiais, limpam a sala e foram para o refeitório jantar antes de irem para casa.

Dia 3: Murialdo Social

Sexta-feira (tarde) – 11.10

Os alunos e educadores estavam no quiosque na rua, um dos educadores fez a chamada e dividiram-se nas turmas para as oficinas do dia. Um grupo foi para o teatro e ficam o turno com o mesmo educador. E mais três turmas que passam por 3 oficinas, letramento/numeramento e duas aulas diferentes de música. Acompanhei a música que trabalha com canto e instrumentos. A outra educadora estava ensaiando a música para apresentação de fim de ano. Para entrar na sala os alunos estavam fazendo bagunça e brigando, o educador mandou fazer uma fila e falou mais sério com eles, para respeitar e manter a calma. A turma sentou nas cadeiras em círculo e receberam a letra da música. Conversaram sobre a peça de teatro que os colegas irão apresentar e gostariam de assistir. Retomaram para a música “Dia Especial”, o professor explicou que a letra é referente ao natal, pois fala sobre atitudes positivas. Leu com os alunos, tirou as dúvidas sobre algumas palavras. Os alunos já estavam cantando e o professor afinou o violão para acompanhá-los. Usou um aplicativo no celular para afinar e explicou como funcionava. Tocou o violão e cantou com os alunos. Relatou que os alunos conhecem um pouco de músicas variadas nas aulas, para ter uma ideia de ritmos e se divertirem, porque eles querem ficar no pátio correndo e não na sala de aula. E mais pra frente irão aprender conteúdos mais avançados. Um aluno pegou o violão para tentar tocar a música e o professor ajudou mostrando as notas. Estava na hora de trocar as turmas e a outra entrou junto na sala. Cantaram juntos a música e depois os alunos do período anterior saíram. A nova turma pegou a folha da música e estavam muito agitados, não ouviam, faziam barulho. O educador tocou outras músicas que eles já conheciam e gostavam, assim a turma se acalmou. Retomaram a música “Dia especial”, cantaram juntos. Depois só um aluno cantou com o educador, porque ele estava tentando acompanhar e se perdia na letra. A sala estava muito quente e os alunos dispersos, fomos para rua e os alunos se espalharam no pátio, o educador reuniu de novo e tentou cantar a música, mas eles não estavam interessados, queriam ficar nos brinquedos. O educador tocou músicas que os alunos pediram e fez a aula com quem estava perto. E cuidava aqueles mais

distantes, chamando a atenção para algum comportamento. Mudou a turma e chegaram os alunos mais velhos, ficaram livres para tocar o violão e conversar. Depois foram para o refeitório jantar. Quando termina as atividades eles retornam para suas escolas com um ônibus. Acompanhei o trajeto, fizeram uma fila e entraram no ônibus, os professores vão junto, para na primeira escola e os alunos que frequentam descem e depois passa na segunda escola para o restante dos alunos.

Dia 4: Murialdo Social

Sexta – feira (tarde) – 08.11

Entrei na sala de letramento quando estava iniciando a turma. Os alunos estavam sentados e conversando com o educador, que combinou de jogar online a noite com eles, passou seu login no quadro. Depois pediu silêncio para iniciar a aula e disse que é aula de ouvir. Perguntou qual data importante tínhamos em Novembro, um aluno disse Consciência Negra. Depois perguntou para que era usado máscaras, os alunos responderam fantasias, Halloween. O educador contou uma história africana, que a tribo usa máscara nas guerras para terem poder de animais. Mostrou a máscara que fez e lhe representava com letras, origami, as cores do Murialdo, barbante (já deu aula de crochê), e perguntou o que teria nas máscaras dos alunos, falaram bola, chuteira, o rosto, celular, família. O educador mostrou as máscaras de alguns alunos da outra turma e explicou que cada um faria sua máscara como a representava. Foi na outra sala buscar as folhas e pediu que os alunos pegassem lápis, borracha, lápis de cor. Distribuiu as folhas, enquanto os alunos faziam a atividade respondeu a entrevista que lhe fiz. Mas a todo mundo tinha interrupção dos alunos, pedindo opinião sobre os desenhos. No final recolheu todos e arrumaram a sala, pois já iria ser o horário do lanche. Fui na aula de música que estava sendo no pátio. Estavam sentados em volta de uma mesa grande, um aluno tocando violão e os outros cantando, dois alunos mais velhos da outra turma estavam participando. O educador organizou a parte que todos cantavam juntos e outra que um desses alunos fez improvisos de Rap. Ao terminar a música o educador agradeceu a participação e elogiou todos pela aula, o aluno também agradeceu a todos e voltou para sua turma. Os alunos foram para a fila do refeitório, o educador guardou os materiais e auxiliou na organização da janta. Depois o acompanhei na cozinha para ele fazer o lanche enquanto respondia a entrevista. Conversei com a coordenadora para mais

informações sobre a instituição e combinei o próximo dia para realizar o restante das entrevistas.

Dia 5: Murialdo Social

Quarta – feira (manhã) – 13.11

Ao chegar no Murialdo fui ao pátio e estava tendo aula com o professor de educação física e informática, assisti a oficina de informática. Eles estavam em torno da mesa com celulares, o educador relatou que iriam usar, brincar, enquanto quatro alunas negras iriam tirar fotos para o projeto da consciência negra, irão fazer um mural com todos alunos negros da instituição. Usou o celular no tripé da câmera e perguntou quem queria iniciar, tirou a foto da primeira aluna, a outra subiu em um brinquedo e pediu para tirar foto lá. As outras também escolheram os locais. O educador chamou uma menina que estava dispersa para ajudar nas fotos. Algumas foram brincar em outros locais e três meninos ficaram ouvindo funk no celular. No mesmo período estava tendo a oficina de esporte na quadra. Pude observar a separação de dois times e jogaram vôlei sentado, três não quiseram jogar e ficaram no banco assistindo. Depois ficaram em pé e jogaram futevôlei. Após as fotos a turma de informática foi para a sala dos computadores, sentaram individual ou em dupla, ligaram e fizeram atividades como jogos, vídeos, músicas. Enquanto isso o educador me explicou sobre o projeto de fotografia e respondeu ao questionário aberto. Também fiz o questionário com o educador de esporte, ele finalizou o jogo e pediu para os alunos sentarem próximos para descansar antes do almoço. E conversou comigo.

Apêndice B – Questionários realizados

Instituição: Cesmar

Nome: Amanda

Formação acadêmica: Pedagogia, Magistério, Técnico de Nutrição

Modalidade oferecida no projeto: Aprendizagem e Culinária

Curso educador social: () sim (x) não

1 – Me conte como começaste a trabalhar aqui. Como tem sido essa experiência?

Em 2010 entrei no Cesmar com a oficina de culinária, para o projeto Jovem Aprendiz, e formava eles como Atendente de Nutrição. No outro ano fui para o socioeducativo (projeto atual) nas oficinas de aprendizagem e de culinária. Cursei pedagogia para complementar, antes tinha a formação de magistério e técnico de nutrição.

2 – Na sua opinião, como você vê as funções da educação complementar, no turno inverso à escola?

Gratificante para os alunos, não precisam ficar em casa e têm atividades extras, aprendem e se desenvolvem, têm protagonismo. Muitos saem daqui e vão para o pólo tecnológico e o colégio.

3 - Você acredita que o educando leva o aprendizado adquirido no projeto para a comunidade? O que as famílias relatam sobre a participação das crianças no projeto?

Sim. Eles levam, a maioria dos alunos contam para gente que aprendem e levam para casa. Por exemplo, na oficina de culinária, levam as receitas para a família, espalham o conhecimento. Os pais dão retorno também, alguns conversam nas reuniões ou na entrada e saída do Cesmar.

4 – Quais são os desafios encontrados na realização das atividades?

Relatos deles, mas tentamos ouvi-los e aconselhá-los com os problemas de casa. fazemos os encaminhamentos, orientamos. O objetivo não é ensinar conteúdos, é ouvi-los também, porque não somos escola, é o turno inverso. Tem que ser lúdico e agradável para eles.

5 - Como é realizada a seleção de conteúdos trabalhados no projeto? São realizadas atividades em conjunto com outro educador, da mesma área, ou diferente?

Trabalhamos muito com lúdico, jogos pedagógicos, hora do conto, numeramento. Na oficina de aprendizagem o foco é letramento e numeramento. O conteúdo tem continuidade com outros educadores. São escolhidos com base nos temas, cada mês é elaborado o cronograma de atividades, e têm o projeto anual, feito com a coordenação e em conjunto com as outras oficinas.

6 – É possível avaliar efeitos no desempenho dos educandos durante a realização das atividades do projeto?

Sim, eles mudam, nós observamos. Aqueles que estão mais tempo conhecem as regras e as combinações.

7 – Que sugestões ou mudanças você faria nas atividades e organização do projeto?

Estamos sempre modificando, cada ano, esse ano fazemos de um jeito e no outro procuramos modificar. O que deu certo continua e o que pode melhorar mudamos, sempre trocando ideia com eles (alunos), o que eles querem. Eles mesmo falam: vamos fazer atividade tal, dão ideias. Dou a abertura para eles, tem que ser agradável.

Instituição: Cesmar

Nome: Marta

Formação acadêmica: Pedagogia

Modalidade oferecida no projeto: Aprendizagem e Recreação

Curso educador social: (x) sim () não

1 – Me conte como começaste a trabalhar aqui. Como tem sido essa experiência?

Fui coordenadora do Sase por 3 anos tínhamos reuniões com coordenadores de outros centros sociais e conhecia o Cesmar. O coordenador do Cesmar me convidou para ocupar uma vaga na biblioteca e eu aceitei, atendia a comunidade, mil pessoas. E quando faltava educador eu ficava de apoio na sala. Depois de 8 meses assumi uma turma com a oficina de Aprendizagem porque a educadora responsável saiu. Sempre tive experiência e gostei das crianças menores, esse ano estou com os maiores também a partir de 13 anos. Estou há 8 anos e gosto muito. Só saio daqui se me mandarem embora.

2 – Na sua opinião, como você vê as funções da educação complementar, no turno inverso à escola?

Muito importante. O Cesmar é um apoio, ocupa o espaço, eles têm aprendizado, experiência, partilha. Estariam em outros lugares, fazendo outras coisas, até mesmo na rua, aqui é o porto seguro deles. Eles vão pra escola e para o Cesmar, o dia é preenchido, o Cesmar é o coração da comunidade.

3 – Você acredita que o educando leva o aprendizado adquirido no projeto para a comunidade? O que as famílias relatam sobre a participação das crianças no projeto?

As atividades são voltadas para eles levarem para casa, e tem as tarefas que fazem em casa com as famílias. Por exemplo a reciclagem, aprendem a cuidar do meio ambiente, separam o lixo aqui e levam isso pra casa. iremos fazer um projeto de lixeiras para separar o lixo, papel, vidros e levarão para casa. uso os problemas de casa para as aulas. Quando chove e um aluno conta que alagou a casa, eu pergunto: “como estava em volta?”, “tinha lixo em volta? Estava entupido?”. Eles vêm a importância da reciclagem. A família é realizado com o filho no Cesmar, eles não faltam, são presente, mesmo com chuva eles vêm. A família é a base, motivam as crianças para estarem aqui.

4 – Quais são os desafios encontrados na realização das atividades?

Estamos que estar na altura deles, dos jovens e dos pequenos. Conversar conforme a idade, entrar no ritmo. No início da aula eu converso, vejo como eles estão, contam coisas, e entramos em sintonia para fazer as atividades.

E têm algumas dificuldades, como o Marcelo (apontou para o aluno), está no sexto ano da escola e não é alfabetizado. Quando tem que escrever em algum trabalho um colega ajuda ou eu. Estou ensinando ele escrever as sílabas, no outro dia ele escreveu três palavras e ficou muito feliz. Também temos uma gravidinha (13 anos), mas ela não quer, não têm os cuidados necessários. E lidamos com tudo isso.

5 - Como é realizada a seleção de conteúdos trabalhados no projeto? São realizadas atividades em conjunto com outro educador, da mesma área, ou diferente?

Todo dia 25 do mês enviamos o cronograma de atividades do próximo mês. Usamos as datas comemorativas como foco e fazemos atividades com música e jogos. Tenho a liberdade para escolher. É lúdico, eles têm que gostar e ter alegria, estarem envolvidos e interessados. Troco ideias com os outros educadores de aprendizagem, faço uma atividade e passo para a colega e o que ela faz me passa. Na oficina de Aprendizagem têm artes, história, matemática, educação física, português, gincana. Em março entregamos os projetos anuais das oficinas para a coordenação. Cada educador tem o seu.

6 – É possível avaliar efeitos no desempenho dos educandos durante a realização das atividades do projeto?

Saem diferentes, eles têm uma lição de vida. A família relata o progresso, desenvolvimento, que o filho conversa mais, dança, e a importância do Cesmar. Antes tinham reuniões com a coordenação das escolas, tinha a ligação família, escola e Cesmar. A partir desse ano não temos mais com a escola, mas com as famílias sim.

7 – Que sugestões ou mudanças você faria nas atividades e organização do projeto?

Oficina de Reciclagem. Na oficina de aprendizagem trabalhamos reciclagem, mas é pouco tempo. É importante a reciclagem, é a realidade deles, muitos membros da família dependem disso. Em um trabalho que fiz sobre profissões, uma aluna disse que queria ser papeleira igual a mãe, o aluno queria ser motorista do caminhão de lixo. Essa oficina iria ajudar eles valorizar esses trabalhos, separar o lixo, ajudar a comunidade. Em um projeto construí uma casinha só com reciclagem, deu um trabalhão e demorou, mas quando ficou pronta estava linda, tinha banco para sentar dentro da casa. Foi muito lixo usado e os alunos se empenharam na construção.

Posso levar o projeto da oficina de reciclagem pronto para a coordenação incluir no próximo ano.

Instituição: Cesmar

Nome: Igor

Formação acadêmica: Gestão Comercial, Educação Física (cursando 4º semestre)

Modalidade oferecida no projeto: Multiesportes

Curso educador social: (x) sim () não

1 – Me conte como começaste a trabalhar aqui. Como tem sido essa experiência?

Eu trabalhava com formação humana na área de gestão comercial, fazia dinâmicas e recreação com adultos. Depois fui para a área dos esportes e comecei a dar aula no Colégio Marista Graças. Fui indicado pela coordenadora para atuar no polo tecnológico e no Cesmar. Depois que entrei no Cesmar iniciei a graduação de Educação Física e já estou trabalhando aqui faz 4 anos. Está sendo uma ótima experiência, os princípios Maristas são voltados para os valores dos cidadãos.

2 – Na sua opinião, como você vê as funções da educação complementar, no turno inverso à escola?

Faz parte da educação, formação do cidadão, não é só intelectual. As crianças aprendem atitudes básicas, de respeito (por favor, com licença, obrigado), tratar os colegas bem. O conteúdo a gente esquece, mas a personalidade fica para a vida.

3 - Você acredita que o educando leva o aprendizado adquirido no projeto para a comunidade? O que as famílias relatam sobre a participação das crianças no projeto?

A família dá exemplo das mudanças de comportamento em casa. Eles fazem oração, conhecem a religião, não uma específica, mas tem uma crença, ajudam em casa, antes só comia e deixava o prato, agora tiram da mesa, lava louça. Nas atividades também negociação com os alunos. Na pesquisa de avaliação aumenta a nota do projeto a cada ano. Aqui o educador tem liberdade para lidar com as crianças, se alguém está incomodando posso chamar e pedir para sentar do meu lado, posso ser ríspido quando precisa ou mais tranquilo. Podemos abraçar, dar carinho. Na escola não pode, a coordenação pede para evitar o contato físico.

4 – Quais são os desafios encontrados na realização das atividades?

O meio que vivem, é complicado, muito vulnerável, uma situação tensa, nas ruas tem briga, é o exemplo deles. Eles são cheios de personalidade, precisamos quebrar crenças, eles podem conquistar muitas coisas. Aqui encontram proteção, gostam, é diferente do colégio, criamos vínculo.

5 - Como é realizada a seleção de conteúdos trabalhados no projeto? São realizadas atividades em conjunto com outro educador, da mesma área, ou diferente?

É pela faixa etária, necessidade da turma, se são agitados, faço atividades que eles têm que trabalhar em equipe, brincadeiras, se a turma é organizada trabalho fundamentos dos esportes. Também depende da quantidade de alunos. E eles aprendem teoria e prática, tem o cronograma, plano de aula, chamada, avaliação da turma e do aluno.

6 – É possível avaliar efeitos no desempenho dos educandos durante a realização das atividades do projeto?

Da pra ver o perfil comportamental, a grande maioria muda para melhor. O esporte não tem muita melhoria, mas a personalidade, seguir as regras sim. A família faz uma negociação, se eles não se comportam bem, não vão para o Cesmar, e as crianças não querem faltar o projeto.

7 – Que sugestões ou mudanças você faria nas atividades e organização do projeto?

Skate, grafite, DJ, youtuber, mídias digitais.

São atividades que já fazem na periferia e podem desenvolver no Cesmar, eles querem ser populares, falar para os amigos que aprenderam fazer um vídeo. E com isso ensinar valores, por exemplo o que pode postar, que se pôr música tem que ter os direitos autorais. Usar o que eles estão acostumados. Tinha o projeto de construção da pista de skate, mas pelo custo foi cancelado.

Instituição: Cesmar

Nome: José

Formação acadêmica: Educação Física

Modalidade oferecida no projeto: Esporte e Convivência

Curso educador social: () sim (x) não

1 – Me conte como começaste a trabalhar aqui. Como tem sido essa experiência?

Iniciei na área de recreação em projetos da prefeitura, em praças e no ônibus brincação. Na rede Marista estou faz 15 anos. Fiquei no Cesmar por um tempo, fui para outros centros sociais e voltei para o Cesmar há 5 anos. Na minha oficina trabalho com autoestima, valores, potencial, formação humana, não só os esportes. É gratificante, temos retorno dos alunos por meio das práticas, conversas. Mostro uma perspectiva de futuro para a vida deles, passo filme com histórias verídicas, pessoas negas, pobres, que venceram. Eles conseguem ter acesso a coisas além de casa e do Cesmar.

2 – Na sua opinião, como você vê as funções da educação complementar, no turno inverso à escola?

Tem muita importância. O colégio está desvalorizado, os professores dão aula e pensam nas contas que precisam pagar. Nós estamos com a função da escola, não é só o turno inverso, ensinamos o que eles deveriam ter na escola. O aluno disse que não tem aula, o professor só entrega a bola para jogarem. Aqui cada semana dou um esporte, uma variedade que não tem na escola.

3 - Você acredita que o educando leva o aprendizado adquirido no projeto para a comunidade? O que as famílias relatam sobre a participação das crianças no projeto?

Alguns sim, outros não. Tem um descaso da família. Nas reuniões de pais vão sempre os mesmos, aqueles que acompanham os filhos, mas são poucos. Quando tem acompanhamento da família, os alunos conseguem levar o aprendizado para casa. Outros nem escutam, ou acham que é bobagem.

4 – Quais são os desafios encontrados na realização das atividades?

Concentração, respeito entre eles, crença no potencial, lutar para melhorar, autoestima, tem violência, falam muito palavrão. Tenho que incentivar eles, faço a cobrança, mas também elogio.

5 - Como é realizada a seleção de conteúdos trabalhados no projeto? São realizadas atividades em conjunto com outro educador, da mesma área, ou diferente?

Cada semana é trabalhado um esporte, mas negociamos. Se um dia está no cronograma aula de basquete e eles não querem, podem escolher outro, vôlei, handebol, hóquei, só não pode futebol, se não só querem jogar futebol. E na outra aula é retomado o cronograma. A turma que tem oficina de esporte com outro educador, combinamos para a mesma semana não passar o mesmo esporte. Mas só uma turma acontece isso. Cada educador tem seu projeto.

6 - É possível avaliar efeitos no desempenho dos educandos durante a realização das atividades do projeto?

Quando a criança não tem a frequência fica difícil, não mantém o ritmo. Às vezes fica um tempo sem ir no projeto, porque não tem uma obrigatoriedade de frequência, mas é chamado o conselho tutelar e dependendo do caso a criança permanece no Cesmar. Na segunda-feira eles chegam mais agitados por causa do fim de semana, em casa não tem limites e durante a semana ajustamos de novo.

7 - Que sugestões ou mudanças você faria nas atividades e organização do projeto?

Eles têm as oportunidades, muitas oficinas, precisam valorizar mais, vivenciar da melhor forma, usar o conhecimento aprendido aqui. Quando eu era criança não tinha acesso a uma modalidade gratuita, qualquer atividade tinha que pagar, aqui eles têm muita coisa, precisam aproveitar e valorizar.

Instituição: Murialdo Social

Nome: Rogério

Formação acadêmica: Pedagogia (cursando) – Técnico em Enfermagem

Modalidade oferecida no projeto: Letramento e Numeramento

Curso educador social: (x) sim () não - Educador Assistente

1 - Me conte como começaste a trabalhar aqui. Como tem sido essa experiência?

Comecei trabalhando com educação infantil e saí por causa da metodologia, não podia educar as crianças, tinha que ser como eles queriam porque os pais pagavam e tinha cobrança com as regras, não me identifiquei. Entreguei meu currículo para todos os projetos sociais e a ACM me chamou, fiquei 1 ano e 5 meses e a coordenação não renovou o contrato da minha vaga. Depois consegui no Murialdo que é perto da minha casa, me sinto bem aqui porque estou inserido na comunidade, junto com os alunos, eu vivi a infância de periferia como eles. Quando eu vou no mercado eles falam comigo, se eu compro guisado um fala vai fazer pastel sor. Eu conheço a maioria, a família deles.

2 – Na sua opinião, como você vê as funções da educação complementar, no turno inverso à escola?

Eu sempre digo que do portão pra dentro é lucro, são 4 horas que eles ficam protegidos da rua, sem violência, o contato com as drogas, a exibição das meninas nas ruas, a criação de meninos machistas, aqui na sala têm bonecas, panelinhas e todos brincam. Eu posso puxar a orelha pra cima, pra ajudar, incentivar. Muitos não tem a referência masculina em casa, a presença paterna na família, eles têm o exemplo no projeto. O que eles aprendem é habilidade social, respeitar os outros, fazer a fila, é a educação.

3 - Você acredita que o educando leva o aprendizado adquirido no projeto para a comunidade? O que as famílias relatam sobre a participação das crianças no projeto?

Eles replicam, levam para casa. Esses dias ensinamos como tomar banho, que inicia da cabeça para os pés, muitos não sabem direito. A separação do lixo, se comunicar baixo, não precisa ficar gritando. Por exemplo no Halloween, não é só por uma fantasia, tem uma história, um porquê. Aprendem respeitar as meninas, um dia os meninos aprontaram para as meninas e tiveram que servir o lanche pra elas no refeitório, perguntar quer água ou suco? E servir, ser educado.

O retorno da família é muito raro, às vezes um familiar me vê na rua e diz: tu é o professor? Meu filho fala de ti. Já ganhei meu dia. Eles só vem na instituição quando acontece alguma coisa ruim, o filho bate ou apanha, briga. Também é difícil o acesso ao apoio, conselho tutelar pra saber dos alunos. Só a mãe de uma aluna vêm e acompanha, vêm 2 vezes na semana para saber como a filha está. Mas é a única.

4 – Quais são os desafios encontrados na realização das atividades?

Atender as regras dos adultos, muitos ficam sozinhos em casa. Lidar com as frustrações também, dão tudo o que querem. Eles não tem autonomia para decidir, se eu pergunto está bonito teu desenho eles travam, não sabem responder porque não tem autonomia na escola, na vida. Têm muita violência, eles não sabem verbalizar invés de bater. Xingam os colegas, tudo é a mãe e gera mais raiva. Nos últimos meses diminuiu as brigas. Aqui eles tem que emprestar e dividir os materiais. Tem dois apontador, é pra dividir, poderia ter 20, uma pra cada, mas precisam aprender a dividir. O ambiente é de todos, é uma comunidade.

5 - Como é realizada a seleção de conteúdos trabalhados no projeto? São realizadas atividades em conjunto com outro educador, da mesma área, ou diferente?

Aqui no projeto eu tento fazer a diferença, é tudo lúdico, fluído, segue um fluxo, não tem muita folha, quadro, eles fazem as atividades, podem levar pra casa ou deixar aqui, tudo tem começo, meio e fim. A prefeitura exige o Letramento, como eu trabalho com as turmas cheias e as idades amplas faço que seja divertido. Tem o planejamento anual com as datas comemorativas e relaciona o letramento, escolho as atividades. A SMED tem um documento com 4 eixos de conteúdos da educação integral, letramento, numeramento, iniciação científica e educação do sensível que são os esportes. E tentamos fazer a integração nas oficinas.

6 – É possível avaliar efeitos no desempenho dos educandos durante a realização das atividades do projeto?

A diferença não é acadêmica, mas na habilidade social, a visão de mundo deles, lógica, pensam diferente, é principalmente comportamental.

7 – Que sugestões ou mudanças você faria nas atividades e organização do projeto?

Seria melhor grupos menores, pra eles terem mais atenção, são muitos alunos ao mesmo tempo. E poderia ter uma formação específica, direcionado para cada um.

Instituição: Murialdo Social

Nome: Adriano

Formação acadêmica: Licenciatura em Música (2º semestre)

Modalidade oferecida no projeto: Música

Curso educador social: () sim (x) não

1 – Me conte como começaste a trabalhar aqui. Como tem sido essa experiência?

A ação social me chamou atenção, tive vontade de trabalhar em projeto social, fiz a entrevista aqui e gostaram do meu trabalho. Estou 1 ano e 8 meses, é muito bom, ótimo, aprendo todos os dias. É bom trabalhar com ser humano, as crianças, colegas, a equipe, o trabalho é por todos. Estou adorando, me ajudou em casa, com os vizinhos, ser mais flexível.

2 – Na sua opinião, como você vê as funções da educação complementar, no turno inverso à escola?

Muito bom, essencial. O turno integral nas escolas públicas e privadas são diferentes. Trabalhei no Mais Educação, no município tenho mais liberdade para criar, aqui aprendo com a coordenação, os colegas, é para o teu bem.

3 - Você acredita que o educando leva o aprendizado adquirido no projeto para a comunidade? O que as famílias relatam sobre a participação das crianças no projeto?

Não, não vejo o aluno levar o aprendizado na minha área. Ninguém investe em um instrumento em casa. a educação é complementar, mas não tem um incentivo da família. Uma vez dei umas 3 ou 4 flautas para alguns alunos, uma senhora me agradeceu pelo presente, e a mãe de outro aluno reclamou, disse que o filho fica fazendo um barulhão em casa com a flauta.

Eu moro no bairro e encontro os alunos com os pais, a maioria não vem nas reuniões, 10% é muito, acham que temos que cuidar dos problemas deles que são os filhos, mas são crianças, precisam de cuidados.

4 – Quais são os desafios encontrados na realização das atividades?

Envolvimento emocional, tenho que ser amigo, pai, irmão, todos os papeis. Tem um envolvimento e tem que separar o papel de educador, se pôr no lugar. Tenho que conversar com eles, saber como estão, às vezes aconteceu alguma coisa e o aluno está frágil, tem que cuidar como falar.

5 - Como é realizada a seleção de conteúdos trabalhados no projeto? São realizadas atividades em conjunto com outro educador, da mesma área, ou diferente?

O principal é dar amor, carinho, afeto, atenção, e a música é o melhor de mim que posso dar. Trabalhamos com tema gerador, é uma proposta e todos educadores seguem para o planejamento.

6 – É possível avaliar efeitos no desempenho dos educandos durante a realização das atividades do projeto?

Sim, é um passo devagar, aos poucos. Hoje o aluno assumiu o violão, perdeu a vergonha, teve confiança, como está um tempo comigo e a mesma turma teve coragem de tocar. Ele já sabia fazer, durante o ano vinha tocando, mas hoje saiu uma música, também foi convidado para participar do festival de música do colégio Murialdo. Fiz a integração e ele se sentiu à vontade. Todos tocam pandeiro, violão, mas em casa não estudam. E o obstáculo é a turma com muitos alunos.

7 – Que sugestões ou mudanças você faria nas atividades e organização do projeto?

Seria melhor especificar as atividades, cada dia um instrumento para trabalhar. Uma aula só com violão, outra só flauta. Mas cada aluno quer uma coisa, tem que misturar. Aqui não é o ambiente para trabalhar muito específico, tem que fazer música com todos instrumentos, cansa, mas é o que dá certo.

Instituição: Murialdo Social

Nome: Junior

Formação acadêmica: Técnico em informática

Modalidade oferecida no projeto: Informática

Curso educador social: () sim (x) não

1 – Me conte como começaste a trabalhar aqui. Como tem sido essa experiência?

Estou 13 anos no Murialdo, iniciei dando aula de manutenção de computadores para o educativo, jovens de 14 a 18 anos. Depois a formação foi ampliada e comecei ensinar teoria de informática em geral com eixo de iniciação científica, mídias, fotografias, vídeos e relação com o meio ambiente. Eu dava aula eventualmente para os pequenos, dava aula no laboratório e depois deixava brincar, agora fico o turno todo com eles, tenho mais controle por causa do convívio. A FASC dá curso de formação duas vezes ao ano.

2 – Na sua opinião, como você vê as funções da educação complementar, no turno inverso à escola?

Muito importante. Eles vêm da comunidade, tem vulnerabilidade, não só as drogas, violência, negligencia, mas descaso da família e escola também. Aqui temos propósito, atenção, alimentação, higiene, buscamos a família, mas temos um abandono. Aqui o lugar é legal, têm esportes, teatro, dança, origami com meu colega, experiência com a tecnologia, pesquisa, aprendem apresentar trabalhos, os alunos mais velhos aprendem para o trabalho.

3 - Você acredita que o educando leva o aprendizado adquirido no projeto para a comunidade? O que as famílias relatam sobre a participação das crianças no projeto?

Melhora o relacionamento entre eles. Eu vejo, e eles comentam na escola e comunidade e os outros ficam com vontade de vir pra cá. Ontem na creche encontrei duas alunas que ficavam aqui e falaram que irão voltar para o educativo, que são os mais velhos. Vi alguns crescerem, ficam dos 7 aos 18 anos. Tem uma gratidão das pessoas, deixam os filhos, são cuidados e alimentados, é importante para eles isso, o almoço e a janta. Eu conheço as mães que trazem um filho e depois de anos trazem o irmão.

4 – Quais são os desafios encontrados na realização das atividades?

Disciplina. Mas eu tenho dúvida nessa faixa etária, porque na minha época de colégio era ditadura, tinha ordem cívica, eu gostava de assistir as aulas, era outra sociedade. Eles são muito ativos, são crianças, aqui não é escola, universidade, eles se distraem, querem correr. Quando vou explicar a aula ficam meio distraídos. Mas tem uns que são indisciplinados mesmo, mas é por causa da situação que vivem, tem briga em casa, não dormiu direito, não tomou banho, jogaram pedra em casa porque tem briga. Tem uma aluna mais velha que às vezes faz os trabalhos, às vezes não. Um dia ela fez só a metade e não queria mais fazer, fiquei pensando “será que brigo?”, é adolescente, está com preguiça, a mãe está no presídio.

5 - Como é realizada a seleção de conteúdos trabalhados no projeto? São realizadas atividades em conjunto com outro educador, da mesma área, ou diferente?

Tenho bastante tempo de trabalho, pego o que fiz mais marcante. Uso o google drive, faço a pasta dos alunos com as atividades. Reciclo ou pego outras atividades. Vi o vídeo do projeto Humanae, são fotografias de pessoas com tom de pele diferente, nesse mês tem a consciência negra, sempre faço exposição de foto, tem função social. Tem o plano mensal das aulas e anual usando os eventos com referência das datas comemorativas e eventos do Murialdo.

6 – É possível avaliar efeitos no desempenho dos educandos durante a realização das atividades do projeto?

Tem um formulário da SMED, o controle de frequência. O entendimento do início melhorou, eu colocava as senhas, agora eles não pedem, aprenderam, alguns tem dificuldade, mas eu soletrei, ajudei. Estão se envolvendo nas aulas, com experiência de tecnologia, tem aplicação prática.

7 – Que sugestões ou mudanças você faria nas atividades e organização do projeto?

Temos sintonia da equipe, bastante espaços, mas pode ser mais organizado porque quando tem mais alunos essa sala é apertada. Só tem que reorganizar, ano que vem a coordenação ir fazer isso.

Instituição: Murialdo

Nome: Marcos

Formação acadêmica: Educação Física - bacharel

Modalidade oferecida no projeto: Esportes

Curso educador social: () sim (x) não

1 – Me conte como começaste a trabalhar aqui. Como tem sido essa experiência?

Eu era coordenador de um projeto na minha cidade, Santo Ângelo. Trabalhei na ACM 1 ano e 3 meses com meu colega que indicou o Murialdo. Estou há 2 semanas aqui. Por enquanto é tudo novo, o espaço é legal, uso o campo de grama sintética.

2 – Na sua opinião, como você vê as funções da educação complementar, no turno inverso à escola?

Show de bola. Tem função de tirar as crianças da rua através do esporte. Os projetos sociais só tem há crescer.

3 - Você acredita que o educando leva o aprendizado adquirido no projeto para a comunidade? O que as famílias relatam sobre a participação das crianças no projeto?

Acho que sim. Levam tudo, aqui deve ter também, no outro projeto tenho retorno.

4 – Quais são os desafios encontrados na realização das atividades?

Ainda não encontrei desafios, temos que encarar e fazer dar certo, ser estrategista, na educação física é assim.

5 - Como é realizada a seleção de conteúdos trabalhados no projeto? São realizadas atividades em conjunto com outro educador, da mesma área, ou diferente?

Pela faixa etária, ainda não fiz o planejamento. As atividades são mais específicas para idade. Fiz improvisos porque não tenho o planejamento ainda.

6 – É possível avaliar efeitos no desempenho dos educandos durante a realização das atividades do projeto?

Eles comentam com outros professores, teve uma aceitação da oficina.

7 – Que sugestões ou mudanças você faria nas atividades e organização do projeto?

Está bem organizado, só tenho que me adequar e fazer os planos, me acostumar com eles.

Apêndice C – Carta de apresentação



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Vimos através desta, apresentar a V. S.^a a acadêmica **Caroline Silva Pinheiro** matriculada e frequentando regularmente o Curso de Educação Física desta Universidade. No cumprimento das tarefas da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física, na qual sou professor orientador da estudante, a acadêmica é demandada a visitar instituições e entrevistar pessoas com o intuito de dialogar e compreender a complexidade de se construir a educação e a escolarização na contemporaneidade.

Neste sentido, solicitamos sua atenção no sentido de viabilizar a realização destas visitas e entrevistas com os docentes e outros trabalhadores desta tão conceituada instituição.

Na expectativa de sua compreensão e solicitude, aproveitamos a oportunidade para expressar nossa admiração, bem como agradecer-lhe antecipadamente pela atenção que, por certo, dispensará aos nossos acadêmicos.

Porto Alegre, 27 de agosto de 2019.

Atenciosamente,

Elisandro Schultz Wittizorecki
Professor na ESEFID/UFRGS

Contatos: 51-33085821, elisandro.wittizorecki@ufrgs.br